

Espaço aberto para novos autores



"O Prêmio SESC de Literatura me animou a escrever com mais afinco. O resto é prosa."

Gabriela Gazzinelli venceu a edição 2009 do Prêmio SESC de Literatura com o romance *Prosa de Papagaio* e foi uma das finalistas do prêmio São Paulo de Literatura 2011 como romancista estreante.



Foto: Guarim de Lorena

INSCRIÇÕES ABERTAS
de 1º de julho a 30 de setembro

Edital no site

www.sesc.com.br/premiosesc

Parceria



Realização

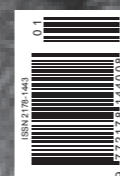
S E S C

ano 4 • número três • 2012

palavra

SESC LITERATURA EM REVISTA

S E S C



Revista PALAVRA • SESC LITERATURA EM REVISTA

DOSSIÊ BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS Expoente da literatura infantojuvenil • **ANALÓGICO E DIGITAL** O livro muda com a sociedade • **ESPAÇO LITERÁRIO** Poesias, contos e crônicas • **PRÊMIO SESC DE LITERATURA 2011/2012** Obras vencedoras

Nossa arte tem a cara do Brasil

As manifestações artísticas dos quatro cantos do país fazem parte da imensa programação cultural do SESC. Um trabalho que vai além do entretenimento: difunde costumes, atualiza tradições, revela novos talentos.



Sonora Brasil 2011/2012 | Calveiras do Divino - Foto de Marcos Gatimbo

SESC

www.sesc.com.br

A literatura infantojuvenil brasileira ganha cada vez mais reconhecimento, ao mesmo tempo em que o mercado editorial amplia seus interesses nessa área. No entanto, autores e editores se perguntam se a compra de livros por parte do governo para distribuição às escolas é o caminho mais adequado para a formação de leitores. E até que ponto as editoras estão realmente preparadas para investir em uma literatura voltada para o público jovem?

Muitos autores têm se firmado como importantes escritores para crianças e adolescentes e o cenário hoje é cada vez mais diverso. Estilos diferentes se multiplicam e cativam leitores.

Um dos maiores responsáveis pela expansão do mercado editorial de livros infantis e juvenis e pelo reconhecimento desse gênero no Brasil foi o mineiro Bartolomeu Campos de Queirós. Morto em 16 de janeiro deste ano, tem mais de 40 livros publicados, alguns deles premiados internacionalmente.

Sua narrativa poética conquistou leitores das mais diferentes idades e regiões, e partiu das memórias da sua Minas Gerais para ganhar o mundo em inventividade e fantasia. Ao mesmo tempo, a riqueza de seus personagens e a construção apurada no desenvolvimento dos textos fizeram com que esse escritor nem sempre fosse identificado como autor apenas para crianças.

Nesta edição da revista *Palavra*, apresentamos um panorama vasto da obra de Bartô, como era carinhosamente chamado pelos amigos, com depoimentos de escritores e intelectuais que conviveram com ele. Olhares e opiniões que, com atenção e generosidade, procuram explicar a admiração despertada pelo escritor e arte-educador.

Para Bartolomeu, “educar pressupõe deixar o outro ser dono de seu próprio destino. A educação se faz pela liberdade que você dá ao outro para que ele escolha seu destino.” Esta preocupação permanente com a educação e a difusão da literatura levaram-no a atuar em busca de leitores país a fora. Entre as diversas iniciativas desse cunho destaca-se o Movimento por um Brasil Literário, para o qual redigiu famoso manifesto. Sua participação no movimento é abordada nas páginas seguintes.

Palavra traz ainda artigo para uma reflexão a respeito da importância das ilustrações junto às narrativas literárias, principalmente aquelas voltadas ao público infantojuvenil. Por fim, publicamos uma seleção de textos ficcionais em prosa e verso, assim como a seção de Blogs.

Um brinde a Bartolomeu Campos de Queirós!

A Redação

três	Primeiras Palavras
quatro	Dicas
seis	Eu recomendo
oito	Analogico e digital
catorze	Dossiê Bartolomeu Campos de Queirós
trinta e seis	Artigos
cinquenta e sete	Depoimentos
sessenta e dois	Resenhas
sessenta e seis	Espaço Literário
setenta e quatro	Blog
setenta e cinco	Agenda

SESC | Serviço Social do Comércio

Presidência do Conselho Nacional
Antonio Oliveira Santos

Departamento Nacional

Direção-Geral
Maron Emile Abi-Abib

Divisão Administrativa e Financeira
João Carlos Gomes Roldão

Divisão de Planejamento e Desenvolvimento
Álvaro de Melo Salmiteo

Divisão de Programas Sociais
Nivaldo da Costa Pereira

Consultoria da Direção-Geral
Juvenal Ferreira Fortes Filho

PUBLICAÇÃO

Projeto editorial
Gerência de Cultura
Márcia Costa Rodrigues

Coordenação de conteúdo
Flávia Tebaldi
Rodrigo Cazes

Assessoria de Divulgação e Promoção/DG
Gerência
Christiane Caetano

Supervisão editorial
Jane Muniz

Edição
Conceito Comunicação Integrada

Reportagem
André Câmara
Renata Magdaleno

Projeto gráfico e edição de arte
Ruth Lima e Luis Monteiro

Produção gráfica
Celso Clapp

Revisão
Clarisse Cintra

Ilustrações
Lorena Kaz
Marcelo Martinez

Foto capa
Matheus Dias

Estagiário de produção editorial
Adonis Nóbrega

©SESC Departamento Nacional
Av. Ayrton Senna, 5.555 – Jacarepaguá –
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 22775-004
Telefone: (21) 2136-5555
www.sesc.com.br

Impresso em julho de 2012
Tiragem: 10.000 exemplares
ISSN: 2178-1443
Distribuição gratuita

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida sem autorização prévia por escrito do SESC Departamento Nacional, sejam quais forem os meios e mídias empregados: eletrônicos, impressos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Para sugestão ou recebimento de exemplares, entre em contato conosco pelo seguinte endereço eletrônico:
adpsecretaria@sesc.com.br

Escreva-nos, sua opinião é muito importante para o aprimoramento da revista!

A revista *Palavra* chega à quarta edição reforçando o compromisso institucional do SESC de incentivar nossas manifestações culturais. A publicação oferece um panorama da literatura brasileira, estimulando reflexões e divulgando iniciativas de grande relevância para a os interessados na área.

Publicações deste tipo representam mais do que a divulgação da literatura como manifestação estética. Em um país que, devido às suas enormes diferenças sociais e regionais, ainda apresenta níveis insuficientes de leitura, principalmente no âmbito literário, a *Palavra* representa a oportunidade de difundir a literatura como um instrumento que auxilia o cidadão a pensar de maneira crítica, ampliando sua visão de mundo.

Contamos hoje com uma das maiores redes de bibliotecas do país. Além das salas existentes em nossas unidades, mantemos em plena circulação o projeto BiblioSESC, composto por uma frota de 52 caminhões que circulam por cidades de todo o país, com um acervo de três mil livros por veículo, promovendo o acesso ao livro e à leitura.

As ações do SESC para a preservação da literatura brasileira e da língua portuguesa como importantes

bens culturais podem ser vistas em iniciativas como laboratórios de escrita, cursos de formação de mediadores de leitura, contação de histórias, rodas de leitura, saraus poéticos, feiras de livros etc., e também por intermédio do Prêmio SESC de Literatura, realizado anualmente, desde 2003, em parceria com a editora Record. Trata-se de um concurso aberto a todos os residentes do país e que tem como diferencial o fato de abranger toda a cadeia produtiva do livro (criação, edição e distribuição), uma vez que os vencedores passam a fazer parte do catálogo de uma editora de grande porte no mercado nacional.

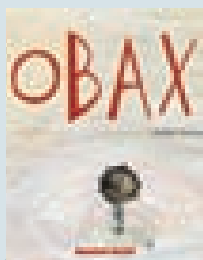
Nesta edição, a revista *Palavra* faz uma homenagem ao recém-falecido escritor Bartolomeu Campos de Queirós, autor de diversos livros destinados, a princípio, ao público infantojuvenil. A edição traz depoimentos de amigos que conviveram com Bartô, como era carinhosamente conhecido, além de artigos sobre o escritor e um conjunto de textos de vários gêneros literários. Esperamos, assim, que nossa iniciativa ajude a preservar a memória de um escritor que tanto se empenhou em difundir a literatura como forma de manter vivo o direito de sonhar.

Boa leitura!



MARON EMILE ABI-ABIB

Diretor-geral do Departamento Nacional do SESC



Obax, de André Neves.
Brinque Book.

Quando o sol acorda nos céus das savanas, uma luz fina se espalha sobre a vegetação escura e rasteira. O dia aquece e é hora de descobrir muitas aventuras. Vencedor do prêmio Jabuti 2011, categoria infantil.

Antes de virar gigante e outras histórias, de Marina Colasanti. Ática.

Poesias, contos e crônicas, que acolhem o leitor de qualquer idade ao longo de seu crescimento. Vencedor do prêmio Jabuti 2011, categoria infantojuvenil.



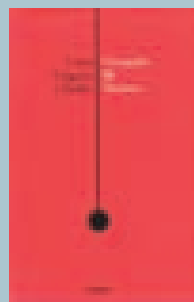
Dublinesca, de Enrique Vila-Matas. Cosac Naify.

Um renomado editor catalão, em crise existencial, troca o álcool pelo computador e se vê testemunha da grande crise editorial do século – o atropelo do livro impresso pelo digital.

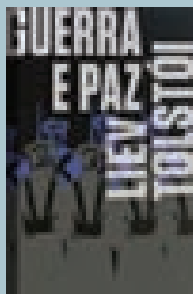


Uma viagem à Índia, de Gonçalo M. Tavares. Leya.

Um homem faz uma viagem à Índia, tentando aprender e esquecer no mesmo movimento, traçando um itinerário de certa melancolia contemporânea.



LITERATURA



Guerra e paz, de Liev Tolstói, com tradução de Rubens Figueiredo. Cosac Naify.

Um clássico da literatura sobre a Rússia da primeira metade do século XIX, contemplado em dois volumes.

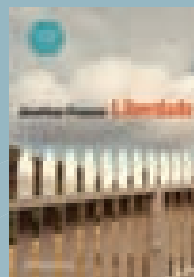
Passageiro do fim do dia, de Rubens Figueiredo. Companhia das Letras.

Em um trajeto de ônibus, tudo o que Pedro vê a sua volta o faz repensar sua vida e seus sentimentos, gerando um novo conhecimento, mais crítico, sobre o mundo em que está imerso.



Liberdade, de Jonathan Franzen. Companhia das Letras.

Aclamado pela crítica em 2010, gira em torno da amizade entre um casal de classe média americana e um roqueiro que têm suas vidas entrelaçadas numa complexa relação de paixão, lealdade e traições.



Poetas que pensaram o mundo, organizado por Aduardo Novaes. Companhia das Letras.

Coletânea onde poetas-filósofos tratam a história do pensamento através da poesia.



CINEMA

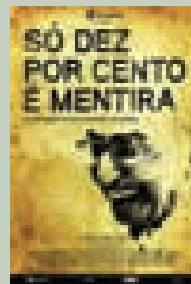
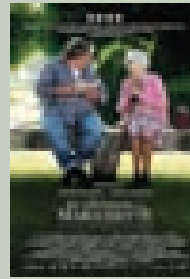
José e Pilar, direção de Miguel Gonçalves Mendes

Um retrato intimista da relação entre José Saramago, prêmio Nobel de Literatura, e a jornalista espanhola Pilar Del Rio.



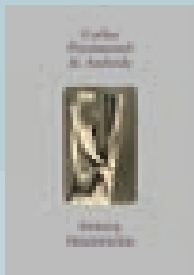
Minhas tardes com Margueritte, direção de Jean Becker

Uma velhinha apaixonada por livros recita em voz alta versos para um cinquentão quase analfabeto, dando-lhe a chance de descobrir a magia dos livros.



Só dez por cento é mentira, direção de Pedro Cezar

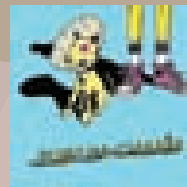
A biografia inventada e os versos fantásticos do poeta Manoel de Barros, contados por ele e por depoimentos de leitores encantados por seu trabalho.



Poesia traduzida, de Carlos Drummond de Andrade.
Cosac Naify.

Traz poemas de Brecht, Garcia Lorca, Paul Eluard, Apollinaire e outros.

MÚSICA



Pequeno cidadão.

Arnaldo Antunes, Edgard Scandurra, Taciana Barros e Antonio Pinto.
Gravadora Rosa Celeste.

Para provar que é possível fazer música de gente grande para crianças, talentos da música brasileira reuniram suas composições feitas para seus próprios filhos em um CD, que rotularam de "música psicodélica para crianças". *Pequeno Cidadão* traz, em suas 14 músicas, ritmos do pop ao forró.

“Eu não sei se vi, se ouvi ou se morei lá...”

Augusto Pessôa



Um ovo é deixado no ninho para que as galinhas continuem a botar outros ovos. Ele é chamado de indez. Ou seja, é o estímulo para que a vida continue e a criação se perpetue. Conheci o livro *Indez* (editora Miguilim), do escritor mineiro Bartolomeu Campos de Queirós, no início dos anos 1990. Considero o título bastante explicativo para o entendimento de sua obra. Uma literatura feita de lirismos e imagens.

Indez narra a infância de Antônio, que se mistura com as lembranças de menino do próprio autor. O encantamento com o clima poético é imediato. Uma poesia precisa e amadurecida. A sensação, ao ler a narrativa, foi de estar vivendo naquele universo de mineiridade delicada. Da mesma forma que a professora de Antônio começa a contar histórias de fadas com a frase “Eu não sei se vi, se ouvi ou se morei lá...”, as palavras de Bartolomeu me levaram a ter lembranças desse interior inocente. Lembranças que não são minhas, mas que ganhei de presente embrulhadas em papel de seda. Um universo que ensina como é infinita e poderosa a sabedoria popular. E são esses saberes que apresentam o ritual meticuloso das festas, das tradições e dos ritos de passagem. Aprendi por eles que brincar é poesia. E entendi que para o tempo é preciso ser paciente. Cada momento em sua hora.

Cada hora em seu lugar. Com essa mesma delicadeza os destinos são traçados. Quando o umbigo da criança cai, o local onde ele será plantado determina o que será sua vida: “se for plantado num jardim, a menina será bela e boa jardineira; se for na horta, o menino será lavrador e, se no curral, boiadeiro”. O umbigo do menino Antônio foi lançado na correnteza, e por isso ele tinha medo de ser abandonado. Mas as águas determinaram sua vida de poeta.

Bartolomeu é um artesão da palavra. Seu texto é um bordado delicado feito com linhas coloridas. As palavras são escolhidas pacientemente para formar um mosaico com cheiro de bolo de fubá, de fruta colhida no pé, de credices inacreditáveis. É com intimidade que o autor descreve esse interior mineiro que se transforma em universal. É a criação poética de um mundo que, por mais que não tenhamos vivido nele, se torna particular. Torna-se nosso.

O *Indez* de Bartolomeu Campos de Queirós é realmente um ovo deixado no ninho para que a criação continue. Fazendo viva a poesia em um passeio mato adentro, com o coração em reza: “São Bento da água benta! Jesus Cristo no altar! Arreda cobra, arreda bicho, deixe o poeta passar”. ●

Augusto Pessôa é formado em Artes Cênicas pela UNI-Rio. Tem várias obras publicadas, estreou duas peças teatrais e já recebeu prêmios de melhor figurinista e melhor cenógrafo nos II e III Festival de Novos Talentos.

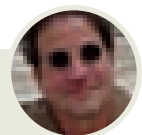


Foto: arquivo pessoal.

Menino inteiro

Leonor Werneck dos Santos



Os livros de Bartolomeu Campos de Queirós costumam nos apresentar, de maneira poética e delicada, meninos, árvores, passarinhos, rios, mar, memórias. Em *Menino inteiro*, há tudo isso e ainda mais: o relato original de uma das histórias mais conhecidas da humanidade.

Ao começar a ler o livro, lindamente ilustrado por Walter Ono, nos vemos entre revoadas de passarinhos, borboletas, flores, montanhas e uma brisa que embala a história do casal José e Maria. A explosão de cores das ilustrações encanta, e o leitor mais atento percebe detalhes aqui e ali que parecem lembrar uma história lida ou ouvida antes. Há pistas no texto escrito também: um galo que espera o momento certo de cantar, um mensageiro “vendedor de milagre”, nove meses de espera pela chegada de um filho e, quando o leitor já está inebriado com a delicada narrativa, o boi e o jumento testemunhando o nascimento de um menino a quem “Todo o Universo homenageava”.

Essa criança era “diferente de todas as crianças. Mas ninguém sabia explicar o porquê”. A certeza era que a vida tinha mudado após seu nascimento, pois o menino, inteiro, sorria, ia crescendo e ajudando as pessoas, distribuindo pães e peixes e derramando dúvida por onde passava. Até partir, após ser castigado pelos “crimes de ver com os dois olhos, escutar com os dois ouvidos, só falar quando tinha o que dizer, abraçar com os dois braços, andar sempre com os próprios pés”.

Impossível não se emocionar com este *Menino inteiro*, em uma época em que palavras rudes e crenças vazias substituem a simplicidade de um olhar singelo e de um gesto sincero. Impossível também não lembrar do final de um dos poemas de Alberto Caeiro (PESSOA, 1994. p. 124-129):

“Esta é a história do meu Menino Jesus.
Por que razão que se perceba
Não há de ser ela mais verdadeira
Que tudo quanto os filósofos pensam
E tudo quanto as religiões ensinam?” ●



Leonor Werneck dos Santos é formada em Português-Literatura, com mestrado e doutorado em Letras Vernáculas. É membro do GT Linguística de Texto e Análise da Conversação, da ANPOLL e docente de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras/UFRJ. [www.leonorwerneck.com]

Foto: arquivo pessoal.



ANALÓGICO E DIGITAL

Renata Magdaleno

Em 1949, Cecília Meireles fez uma série de conferências sobre a literatura direcionada a crianças e jovens, reunidas depois no livro *Problemas da literatura infantil* (MEIRELLES, 1984). Em uma delas, lamentava que o progresso começava a atrapalhar a dedicação à leitura: “Os anúncios de bondes; os cartazes nos muros; as fotografias vastamente difundidas por todas as publicidades [...] contribuem para desorientar os que se encontrarem sob a ação benéfica do último livro cuidadosamente escolhido.”



A escritora ficaria chocada com o cenário atual: internet, games, TV a cabo, iPads e um número quase sem fim de novidades tecnológicas. Espantada também com o fato de que, apesar de tanta “concorrência”, a literatura infantojuvenil brasileira cresceu nos últimos anos. “Essa é uma história longa, que começou com Monteiro Lobato e na segunda metade do século XX vai se expandindo. Podemos

A venda de livros aumentou. Nem tanto pela frequência dos leitores em livrarias, é preciso admitir, mas pela compra de títulos por parte do Governo para escolas e bibliotecas públicas do país.

dizer que o cenário mudou graças a um esforço conjunto de todos que acreditam na literatura: escritores, professores, editores, educadores”, defende Elizabeth Serra, secretária-geral da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

A venda de livros aumentou. Nem tanto pela frequência dos leitores em livrarias, é preciso admitir, mas pela compra de títulos por parte do Governo para escolas e bibliotecas públicas do país. Em 2011, por exemplo, o Governo Federal investiu R\$ 1,3 bilhão na aquisição, avaliação e distribuição de livros. “A compra de literatura ainda não é tão grande quanto a de livros didáticos. Para nós, deveria ser o contrário, porque acreditamos na importância da obra literária para a formação da criança e do jovem”, opina Elizabeth.

O fato é que as aquisições estimularam as editoras a investirem no setor. Para citar alguns exemplos, a editora Objetiva criou um selo exclusivo para abrigar os livros infantojuvenis e publica principalmente autores já consagrados que escrevem para esse gênero, como João Ubaldo Ribeiro, Mario Quintana e Ronaldo Correia de Brito. Está reeditando também os títulos infantis e juvenis da premiada Ana Maria Machado, com novo projeto gráfico. A editora Rocco tem um best-seller na área, a escritora infantojuvenil Thalita Rebouças, que já vendeu mais de 1,2 milhão de exemplares de seus 14 títulos. A Zahar, embora não tenha tradição no setor, investe na personagem criada pela escritora Flávia Lins e Silva: Pilar, uma menina viajante que vem crescendo junto com o público, já virou boneca e está prestes a ser comercializada pelas livrarias do país. Todo ano, a editora lança um livro novo com as aventuras da Pilar em alguma parte do mundo, como na Grécia e na Amazônia.

E há até editora nova, dedicada exclusivamente ao setor. A Escrita Fina Edições surgiu em 2010 e tem cerca de 50 livros publicados. “Sou uma apaixonada pelas literaturas infantil e juvenil. Acredito, como sempre digo, que elas não são um degrau para a literatura destinada ao público adulto, não são um vir a ser”, afirma a coordenadora editorial Laura van Boekel, apostando na crescente valorização da área.

Além das compras feitas pelo Governo, séries estrangeiras como Harry Potter, que chegou às livrarias nacionais em 2000, estimularam adolescentes a devorarem livros e procurarem publicações com o mesmo clima aventureiro do bruxinho inglês. “Essas séries importadas mudaram o mercado e tem muito autor nacional agora bebendo na mesma fonte. É o

gosto do jovem prevalecendo e o livro como um item de entretenimento importante”, opina a editora e pesquisadora Luciana Figueiredo, da Cátedra Unesco de Leitura, apontando a autora Thalita Rebouças e sua série de livros “Fala sério”, voltados para o público adolescente, como um desses exemplos.

A pesquisadora Luciana Figueiredo, que acredita haver realmente uma mudança no perfil do escritor, resultado de uma transformação presente na própria sociedade, afirma: “Esse é um fenômeno geral; com a literatura não é diferente. A sociedade está mudando. As redes sociais têm mudado o comportamento das pessoas. O autor precisa estar antenado e quem quer falar com o público tem que estar nas redes sociais e estimular esse contato.”

Para a escritora Rosa Amanda Strausz, a divulgação que escritores como Thalita Rebouças vêm desenvolvendo junto ao público é importante para superar dois dos principais problemas do autor nacional: conseguir investimento das editoras e lugar de destaque nas livrarias, embora a obra ainda não seja consagrada. “São raríssimos os brasileiros que chegam a fazer sucesso espontâneo. Um exemplo é a Thalita Rebouças, que hoje tem um bom trabalho de marketing por parte da editora. Mas ela só começou a ter esse investimento depois que vendeu, sem folheto, sem propaganda, sem espaço comprado na livraria, sem nada, na cara limpa, alguns milhares de exemplares”, afirma.

Observando a questão do ponto de vista de quem escreve, a autora, vencedora do prêmio Jabuti em 1991, com quatorze livros dedicados ao público infantojuvenil, não traça um panorama tão otimista

para a literatura atual. Apesar de concordar com o fato de haver maior profissionalização do setor, Rosa ainda destaca uma série de problemas, grandes obstáculos que afetam, principalmente, quem está começando. “Para receber algum investimento por parte da editora, o autor precisa provar que seus

Além das compras feitas pelo Governo, séries estrangeiras como Harry Potter, que chegou às livrarias nacionais em 2000, estimularam adolescentes a devorarem livros e procurarem publicações com o mesmo clima aventureiro do bruxinho inglês.

livros vendem. E, até chegar lá, há um bocado de ralação, de trabalho duro. As editoras arriscam muito pouco naquilo que não conhecem”, lamenta.

Rosa também vê a aquisição de livros pelas escolas públicas com ressalvas, pois, embora esta tenha ajudado a profissionalizar o setor, limitou o destino de algumas obras. Para exemplificar a questão, cita um de seus livros, *Uólace e João Victor*, que chegou à televisão e virou um dos episódios da série “Cidade dos Homens”. “Sabe como meu livro se transformou em um dos episódios? A Benedita, filha da atriz Regina Casé, leu por recomendação da escola e o apresentou à mãe. Até aquele momento, a editora não achava que aquele fosse um livro para livraria – só para uso escolar”, reclama.



A escritora Ana Letícia Leal, que estreou na literatura juvenil em 2006 com *Meninas inventadas* e já publicou mais duas obras, também vê a compra de livros escolares pelo Governo como um fator limitador. “É a melhor e a pior coisa. A melhor, porque estimula a produção e dá muito dinheiro para quem consegue chegar lá. A pior porque enquadra a produção em alguns parâmetros, desencorajando editores de publicarem o que o PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola, desenvolvido desde 1997) não vai querer”, afirma.

Apesar de a literatura infantojuvenil brasileira ainda estar longe do mundo ideal de quem sonha em viver da escrita, a tendência é ela continuar crescendo.

Hoje existe uma preocupação com a formação dos chamados mediadores de leitura, figuras fundamentais na construção do leitor.

Há uma série de projetos preocupados em investir na formação de leitores e mediadores de leitura, visando a desenvolver o gosto dos pequenos pelos livros. Um exemplo é o programa Agentes de Leitura, do Ministério da Cultura, em parceria com governos estaduais e municipais, que vem formando jovens com o intuito de desenvolver o hábito de ler em comunidades carentes. Com um livro embaixo do braço, lá vão eles bater na casa das famílias cadastradas no projeto, reunindo todos os integrantes em torno de histórias. O programa começou em 2005 e vem se espalhando pouco a pouco pelo país. A intenção é formar quatro mil agentes. “Há muito mais

políticas de incentivo à leitura do que décadas atrás. Hoje existe uma preocupação com a formação dos chamados mediadores de leitura, figuras fundamentais na construção do leitor. E a formação de bibliotecas públicas”, afirma Rosa, lembrando a própria história. Graças a acervos públicos, ela conseguiu ler todos os livros que sua ansiedade de leitora pedia, mas seu dinheiro não permitia comprar.

A Cátedra Unesco de Leitura, um centro especializado em pesquisa, ensino e extensão sobre leitura e formação do leitor vinculada à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), vem contribuindo para isso. Criou uma biblioteca especializada em livros sobre leitura e literatura infantojuvenis. São 20 mil exemplares disponíveis para consulta, que pertenciam ao acervo da professora Eliana Yunes, uma especialista no tema.

As mudanças no panorama vêm fazendo alguns pesquisadores, editores e autores repensarem os limites que definem o que é literatura infantojuvenil. “O mercado assume que a literatura juvenil é centrada basicamente em termos de quantidade de texto. Se for romance ou novela, logo é classificado como juvenil, enquanto os livros ilustrados são geralmente associados ao universo infantil. Porém, quando nos aprofundamos nas obras, vemos que essas classificações são falhas e carecem de depuração”, afirma Isabel Coelho, editora da Cosac Naify. Ela também defende que de nada adiantaria incluir rótulos de acordo com a faixa etária do leitor. “Estamos em uma era ainda difícil de ser compreendida, pois a informática avança, os limites entre os suportes ficam cada vez mais tênues. Tenho a sensação de que o público de crianças e jovens busca informação. E

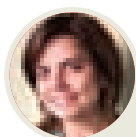
que o público de literatura infantojuvenil tem aumentado seu escopo, atingindo, inclusive, os adultos”, arrisca. Elizabeth Serra, da FNLIJ, questiona as pessoas que tratam crianças, adolescentes e jovens como parte de um mesmo bloco. “No nosso caso, por exemplo, sempre separamos. Somos uma fundação voltada às literaturas infantil e juvenil, porque acreditamos que há diferenças”, diz, lembrando que há escritores que resistem a qualquer rótulo, como Lygia Bojunga, por exemplo. Afinal, Lygia é tanto autora do cultuado *A bolsa amarela*, clássico da literatura infantil (1976), quanto de livros como *O abraço* (1995) e *Fazendo Ana Paz* (1991), voltados para os públicos juvenil e adulto.

Ao fazer uma retrospectiva da história da literatura infantojuvenil, Elizabeth Serra aponta justamente a obra de Lygia Bojunga como um dos pontos altos, por esta ser, entre outros fatores, a primeira fora do eixo Europa-Estados Unidos a receber a medalha Hans Christian Andersen (considerada o prêmio Nobel dos autores para a infância e juventude de todo o mundo) pelo conjunto da obra. Uma premiação vista como um momento de valorização e de estímulo, dando mais crédito aos escritos brasileiros. Elizabeth não é a única. Lygia é quase uma unanimidade, um exemplo para diversos “fazedores” da literatura infantojuvenil, como duas das entrevistadas nesta matéria, a pesquisadora Luciana Figueiredo, que é especialista na obra de Lygia, a qual serviu de base para sua dissertação de mestrado, e a escritora

Ana Letícia Leal, cuja tese de doutorado foi dedicada à pesquisa da obra da autora.

Atualmente, Lygia parece ir na contramão de toda essa tendência. Enquanto o mercado está mais acirrado, os escritores se sentem impulsionados a divulgar seus livros e o público procura aventuras seriadadas, Lygia se recolhe. Em 2002, ela lançou um selo próprio para editar sua obra, a Casa Lygia Bojunga, e, desde então, passou a publicar seus livros com uma aparência que contrasta com os exemplares mais elaborados que vão para as livrarias. O visual é modesto, como se quisesse reforçar que o importante é o conteúdo. A autora passou a esmiuçar um fazer literário quase artesanal, coroado com a publicação, em 1996, do livro *Feito à mão*, lançado na época em tiragem reduzidíssima, com papel reciclado e costuras aparentes (as edições seguintes ganharam um formato tradicional). A história é uma reflexão sobre o fazer literário, e o objeto pode ser visto como uma crítica à própria produção industrial. A autora passou também a fazer os próprios programas de formação de leitores. Em 2006, criou uma fundação que desenvolve, entre outras coisas, contações de história e rodas de leitura.

Observar sua obra é notar que, ainda hoje, há quem concorde com as palavras de Cecília Meireles. Basta saber se a experiência de Lygia vai influenciar as produções atual e futura tanto quanto sua obra parece marcar a literatura infantojuvenil brasileira. ●



Renata Magdaleno é jornalista, doutora em Estudos de Literatura pela PUC-Rio e coorganizadora do livro *Nosotros: diálogos literários entre o Brasil e a América hispânica*.

Foto: Ariel Fotografia.



Foto: Matheus Dias.

“A literatura é feita de fantasia.
Tudo o que penso,
posso escrever.”

Bartolomeu Campos de Queirós (1944-2012) nasceu numa cidadezinha chamada Formiga, no interior de Minas Gerais. Cresceu ao lado do avô, que o apresentou ao mundo das letras e com quem aprendeu o encantamento das palavras. O gosto pela escrita foi explicitado em mais de quarenta livros ao longo de trinta anos dedicados à educação.

Acompanhe, nas próximas páginas, parte da entrevista de Bartolomeu ao projeto Paiol Literário, em 7 de junho de 2011. Em seguida, conheça o Movimento por um Brasil Literário, idealizado por Bartolomeu e abraçado por vários nomes da literatura brasileira. Fechando o dossiê, leia o texto sobre a obra deste carismático expoente da literatura infantojuvenil, que, poucos meses antes de morrer, publicou seu único livro para o público adulto.

A palavra ao leitor

O grande patrimônio que temos é a memória. A memória guarda o que vivemos e o que sonhamos. E a literatura é esse espaço onde o que sonhamos encontra o diálogo. Com a literatura, esse mundo sonhado consegue falar. O texto literário é um texto que também dá voz ao leitor. Isso é o que há de mais importante para mim na literatura.

Formação de leitor

Meu avô morava em Pitangui, uma cidade perto de Papagaio, ganhou a sorte grande na loteria e nunca mais trabalhou. Ele cultivou uma preguiça absoluta. Levantava pela manhã, vestia terno, gravata e se debruçava na janela. Todo mundo que passava falava: “Ô, seu Queirós!”. Ele falava: “Tem dó de nós”. Só isso. O dia inteiro. Tudo o que acontecia na cidade, ele escrevia nas paredes de casa. Quem morreu, quem matou, quem visitou, quem viajou. Fui alfabetizado nas paredes do meu avô. Eu perguntava que palavra é essa, que palavra é aquela. Eu escrevia no muro a palavra com carvão, repetia. Ele ia lá para ver se estava certo. Na parede da casa dele, somente ele podia escrever. Eu só podia escrever no muro. Esse meu avô tinha um gosto absoluto pela palavra e era muito irreverente. Eu era o grande amigo dele.

Criado com a metáfora

Meu avô tinha um encantamento com as palavras. Eu fui aprendendo com ele a cultivar esse encantamento. Lembro que na casa dele tinha uma copa muito grande. Ele ficava sentado na ponta da mesa fazendo cigarros para o dia seguinte. Havia um Cristo crucificado na parede. De vez em quando, ele levantava a cabeça e falava para mim: “Sofreu, né? Sofreu demais. Sofreu tanto. Mas morreu gordo, você não acha?” Era toda uma trama que me deslocava. Já fui criado com a metáfora. Tive uma infância junto com as metáforas. A minha mãe era uma leitora. Não havia em casa literatura infantil. Eu lia os livros que a minha mãe lia. Também ficou uma coisa que hoje conto sem problemas. Quando a minha mãe morreu, eu tinha seis para

sete anos. Ela ficou doente por muitos anos. Minha mãe cantava muito bonito, ela era soprano. Quando a dor era muito forte, sabíamos que a morfina não era suficiente, a minha mãe cantava. A voz dela atravessava a casa e o quintal. Então, a gente sabia que ela estava com muita dor. Outro dia, estava pensando que eu também, quando dói muito, escrevo. É a mesma coisa. Hoje, não fico na janela como meu avô ficava. Mas fico o tempo todo em frente ao *Windows*. Trocamos os lugares, mas continuamos na janela.

Construir o mundo com letras

O meu avô brincava muito comigo usando as palavras. Ele escrevia “azul” e me pedia para escrever outra palavra na frente. Eu escrevia “preto”. Ele falava: “O azul hoje é quase preto”. Ele fazia uma frase usando as duas palavras. Eu ficava incomodado como ele, com toda a palavra, dava conta de fazer uma frase. Com duas palavras, construía uma oração. A metáfora é muito interessante para o escritor. A metáfora é onde o escritor se esconde e põe asas no leitor. [...] Acho que o leitor é tão criador quanto o escritor. [...]

Literatura afetiva

[...] Aprendi com Merleau-Ponty que a primeira leitura que a criança faz na sala de aula é a do olhar do professor. Há pessoas que quando nos olham nos afastam. Outras, quando nos olham, nos acariciam. Há crianças que não aprendem porque o olhar do professor não deixa. Há criança que não usa a liberdade porque tem medo do olhar do professor. O olhar do professor imobiliza. Muitas vezes, jogamos nas costas dos métodos a não aprendizagem da criança, quando, às vezes, a aprendizagem da criança é interdita pelo olhar do professor, que é a primeira leitura que ela faz. Merleau-Ponty descobriu uma coisa fundamental. Um dia, ele olha muito tempo para o sol e descobre que olhar dói. [...]

Formação do professor

Estou muito afastado dos processos educacionais. O homem é o único animal que pode ser educado.

Todos os outros animais podem ser adestrados. Educar pressupõe deixar o outro ser dono do seu próprio destino. A educação se faz pela liberdade. Liberdade que você dá ao outro para que ele escolha o seu destino. Vejo que os processos de educação, o que chamamos de escola, não deixam de ser processos de adestramento. Não é uma educação plena, é um processo de adestramento. É uma criança sujeita ao desejo do professor. [...]

Encantar o outro

[...] A literatura é feita de fantasia. Tudo o que penso, posso escrever. Nada é interditado, tudo posso dizer, desde que com uma forma elegante, bem organizada. Posso até dizer “os livro”, “os peixe nada”. Posso até dizer, mas propositadamente, conhecendo uma gramática profundamente. Aí, posso dizer qualquer coisa que quero. Só rompemos quando dominamos. Caso contrário não há rompimento. É preciso uma tradição para romper. A literatura é essa coisa exagerada de fantasia. A gente só fantasia o que não temos. Não fantasiemos o que temos. Então, a literatura é feita de falta. O que escrevo é o que me falta. É isso que a literatura faz. A literatura é o lugar da falta. [...]

Ser escritor

Estava estudando fora do Brasil [início da década de 1970], no Instituto Pedagógico da França, era bolsista e comecei a sentir saudade do Brasil. Morava perto de um jardim que tinha um lago. No fim de semana, sentava-me neste jardim para ler e sentia saudade do Brasil, de comer feijoada, de dormir na cama com lençol passado, dos meus amigos. Nunca pensei em ser escritor. Um dia, pensei: por que você não pensa em uma coisa que nunca pensou? E tinha o lago e sempre vinha um peixe e botava a cabeça do lado de fora. Havia várias gaiotas que mergulhavam no lago e tornavam a sair. Comecei a olhar aquilo e a pensar que cada coisa tinha um lugar. Se o peixe saísse fora da água, morreria afogado no ar. Mas se a gaiota ficasse dentro da água, morreria afogada. Comecei a olhar os dois

Há crianças que não aprendem porque o olhar do professor não deixa. Há criança que não usa a liberdade porque tem medo do olhar do professor. O olhar do professor imobiliza. Muitas vezes, jogamos nas costas dos métodos a não aprendizagem da criança, quando, às vezes, a aprendizagem da criança é interditada pelo olhar do professor, que é a primeira leitura que ela faz.

A literatura é feita de fantasia. Tudo o que penso, posso escrever. Nada é interditado, tudo posso dizer, desde que com uma forma elegante, bem organizada.

Se a criança chega em casa e não encontra nem o pai, nem a mãe, nem avó lendo, como é que a escola quer que ela leia? Precisamos de uma sociedade inteira envolvida nesse trabalho de formação de leitor.

Acho que a literatura tem a função de tornar a sensibilidade mais aguçada. As pessoas mais intuitivas, mais prontas para as minúcias, para os retalhos, como diz o Manoel de Barros, para os restos, para as pequenas coisas.

O melhor diálogo que travamos na vida é com o silêncio. Conversar com o silêncio é fascinante.

elementos da natureza e descobri uma coisa que achei bonita: tanto o peixe quanto o pássaro não deixa rastro por onde passa. Não ficam caminhos. Ele chega, se instala naquele lugar e todo vazio é caminho. E toda a água é caminho. Fiquei encantado com o peixe e o pássaro por não deixarem rastro. Então, escrevi o texto *O peixe e o pássaro* para aliviar a minha saudade. [...]

Preocupação com o público

Não tenho preocupação com o público. [...] Vou para o escritório e faço o melhor que posso. Àquela hora não tem destinatário. Se tiver destinatário, não é mais literário. Se entrar no escritório e pensar: vou escrever um texto para criança, já me distancio dela. Já me coloco no lugar de adulto, me distancio da infância. Tenho muito medo do “escrever para criança”. Parece que estou em um lugar muito legal, que estou bem feliz, bem disposto, alegre e vou ensinar esses “coitadinhos” a chegar nesse lugar em que estou. Eu tenho horror disso. Quero mostrar para a criança que também cresci, mas tenho muita insegurança, muita tristeza, muita alegria, muita saudade. [...]

Espantado com a vida

Você não sabe que está em coma. Se tivesse morrido, não teria sabido. Quando voltei, soube que havia ficado em coma sessenta e nove dias. Viver, para mim, é um espanto muito grande. Depois desse período, fiquei muito espantado com a vida. Nascer é um ato extremamente arbitrário. Não fui consultado se queria nascer e isso me pesa muito. Ninguém me perguntou se eu queria nascer, depois não escolhi nem mãe nem pai. Não escolhi o país, nem o idioma que queria falar, nem a cor que queria ter. Ninguém me perguntou nada. É um dos fatos mais arbitrários do mundo. Escrevo neste livro [*Vermeelho amargo*] que a dor do parto é também de quem nasce. Outra coisa arbitrária é morrer, porque você não pediu para nascer. E quando vê a luz do mundo, a cor, a alegria do mundo, alguém fala que você vai morrer. [...]

A palavra desestabilizada

Um dia estava trabalhando em casa e deitei no chão. Tenho às vezes uma dor na coluna. Deitei no chão do escritório. Tinha feito muita coisa naquele dia. De repente, vi uma formiguinha descendo depressa a parede branca do escritório. Olhando para ela, fiquei tão abismado. Eu sabia fazer tanta coisa, mas não sabia quem botou o desejo do açúcar no coração da formiga. Aí, a literatura não dá conta. Os pequenos gestos da natureza me encabulam muito. Sei que a palavra não dá conta. Mesmo sabendo que é a palavra que organiza o caos. No Gênesis, Ele veio e disse: “Faça-se a luz!” E a luz se fez. Foi a palavra que organizou o caos. Você vai ao psicanalista porque está em desordem e acredita que a palavra irá te organizar. A palavra cura. De repente essa palavra não dá conta de dizer muita coisa. Ao mesmo tempo a palavra desestabiliza. A palavra é uma coisa muito pesada. [...]

Movimento por um Brasil Literário

Andei pensando muito antes de fazer o Movimento por um Brasil Literário. Conversava muito com o pessoal da Fundação Nacional do Livro sobre como a escola não pode ser a única responsável pela formação do leitor. A escola não pode e nem dá conta disso. Se a criança chega em casa e não encontra nem o pai, nem a mãe, nem avó lendo, como é que a escola quer que ela leia? [...] Precisamos de uma sociedade inteira envolvida nesse trabalho de formação de leitor. Não quis chamar de plano de leitura, projeto de leitura. Eu queria um movimento de leitura, com pessoas que acreditam que a literatura é boa, faz bem, com quem possa ajudar, indicar um livro, fazer um grupo de leitura. Quem pode fazer isso pode entrar no nosso movimento, pode entrar no site (www.brasilliterario.org.br). [...] Acho que a literatura tem a função de tornar a sensibilidade mais aguçada. As pessoas mais intuitivas, mais prontas para as minúcias, para os retalhos, como diz o Manoel de Barros, para os restos, para as pequenas coisas. A literatura pode nos ajudar muito.

Nem luz própria

[...] Precisamos de amparo com a nossa dúvida. E a literatura nos ampara. Tenho muito medo da verdade. Não acredito que haja nada verdadeiro. Tive um professor de filosofia, o padre Henrique Vaz, para quem eu perguntei “o que era a fé”. Ele me respondeu que a fé é a dúvida. Tem dias que você tem muita, tem dias que tem pouca, tem dias que não tem nenhuma. Isso se chama fé, porque nos é possível somente a dúvida. Hoje, estamos com muita gente encontrando a verdade. Quando uma pessoa encontra a verdade, a única coisa que ela adquire é a impossibilidade de escutar o outro. Ela só fala, não escuta mais. Quem encontra a verdade só fala.

Verdade mais profunda

A memória é o nosso grande lugar. Na memória tem tanto o que vivi quanto o que sonhei ter vivido. Não acredito em memória pura. Toda memória é ficcional. É um pedaço da memória com mais um pedaço da fantasia. A fantasia é o que temos de mais real dentro de nós. A fantasia é a minha verdade mais profunda. A fantasia é aquilo que não conto para ninguém, só para as pessoas que amo muito. [...]

Sociedade falante

Quando uma sociedade e seus valores ficam muito perdidos, ela ganha muita força para a autoajuda. É uma sociedade que procura o que fazer, como viver. Precisa muito de receita. O melhor diálogo que travamos na vida é com o silêncio. Conversar com o silêncio é fascinante. Vivemos em uma sociedade em que o silêncio está interdito. As pessoas falam o tempo inteiro. Você entra no aeroporto e a tevê está ligada o tempo inteiro. No hotel, a tevê está ligada o tempo inteiro. Tem uma música tocando no elevador, tem alguém falando no celular. Tem pessoas com três celulares. É um mundo que fala o tempo inteiro. [...] ●

Editada a partir da entrevista original concedida por Bartolomeu Campos de Queirós, em 7 de junho de 2011, ao Paiol Literário, projeto cultural promovido pelo jornal *Rascunho* em parceria com a Fundação Cultural de Curitiba, o Sesi Paraná e a Fiep.

Manifesto pelo direito a um país literário

Em seus últimos anos, Bartolomeu Campos de Queirós esteve engajado no Movimento por um Brasil Literário, lançado com manifesto de sua autoria na Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) de 2009.

André Câmara

Fazer do país uma sociedade leitora, estendendo à população atividades mobilizadoras que promovam o exercício da leitura literária. Este foi um dos princípios que nortearam a criação do Movimento por um Brasil Literário, com o qual Bartolomeu Campos de Queirós se envolveu em seus últimos anos de vida, chegando a redigir, de próprio punho, o manifesto que lançou o movimento, durante a 7ª Flip, em 2009.

Ao manifesto aderiram milhares de pessoas: expoentes da literatura, educadores, formadores de opinião e também contadores de história, cantadores, músicos, artistas, empresários, professores, estudantes ou simplesmente leitores. De início, o movimento teve apoio do Instituto C&A, Associação Casa Azul (organizadora da Flip), Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Instituto Ecofuturo e Centro de Cultura Luiz Freire.

A grande articulação desencadeada a partir do manifesto resultou em múltiplas ações, disponíveis no site criado pelo movimento (www.brasilliterario.org.br). Em seu terceiro parágrafo, o manifesto redigido por Bartolomeu Campos de Queirós diz: “Alfabetizar-se, saber ler e escrever tornaram-se hoje condições imprescindíveis à profissionalização e ao emprego. A



Foto: Zé Gabriel/MBL.

A literatura como atividade política

Na Cátedra Unesco de Leitura, sediada na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), há uma vitrine que se chama Sítio de Leitura, na qual, a cada mês, ficam expostos autores que fazem parte do acervo da instituição. No mês de março, Bartolomeu Campos de Queirós era o autor escolhido, com livros como *Indez*, *Ciganos* e *Minerações*. Este último estava acompanhado de um cartão com palavras do escritor que diziam: “Eliana, fiquei feliz em sabê-la frente ao projeto de livros. Agora lhe mando *Minerações*, para lhe dizer que estou com saudade sua.” A dedicatória era para a professora Eliana Yunes, coordenadora da Cátedra Unesco e grande batalhadora pela leitura literária. Os dois conviveram durante longos anos e trocaram muitas ideias a respeito da mobilização para a leitura e a difusão do livro, incluindo a experiência de ambos no Proler, da Biblioteca Nacional. Um mês antes de morrer, Bartolomeu esteve na Cátedra e foi entrevistado pela própria Eliana para um vídeo que hoje está disponível na TV Cátedra, na internet, no endereço www.catedra.puc-rio.br.

Nessa entrevista, ele explica como se descobriu escritor e também define o que é para ele o texto

literário: “Se eu pensar em escrever para uma criança ou um jovem ou qualquer destinatário, o texto deixa de ser literário, pode ser talvez um texto panfletário.” E mais adiante afirma: “A literatura acontece quando escritor e leitor se encontram em uma obra que nunca será editada. O escritor tem que encontrar o leitor para se dizer e os dois juntos elaboram uma obra que não vamos nunca saber como é. Esta é a função da literatura.”

A respeito do Movimento por um Brasil Literário, ele narra sobre a distribuição do documentário *A palavra conta* às secretarias municipais de Educação e de Cultura, e também de uma parceria com o governo de Minas Gerais, que teria colocado à disposição as contas de luz da Cemig (distribuidora de energia elétrica naquele estado) para textos literários que pudessem chegar às casas dos consumidores/leitores. Eis aí um exemplo da atuação desse articulador, que considerava a literatura uma atividade política. Quem sabe, suas ideias possam frutificar por muito tempo na difusão de ações pela promoção da leitura, como o Movimento por um Brasil Literário.

escola é um espaço necessário para instrumentalizar o sujeito e facilitar seu ingresso no trabalho. Mas pelo avanço das ciências humanas compreende-se como inerente a homens e mulheres a necessidade de manifestar e dar corpo às suas capacidades inventivas.”

O escritor considerava que a escola tinha o papel fundamental não apenas de informar, mas também de oferecer ao aluno a possibilidade da invenção, da fantasia. E isso somente a leitura literária seria capaz de fomentar. Ele, que se definia como arte-educador, queria estender a todo o país o direito à leitura literária.

No documentário *A palavra conta*, de Duto Sperry, lançado um ano depois do manifesto, na 8ª Flip, na Casa de Cultura de Paraty, é a fala de Bartolomeu que vai ali costurando os demais depoimentos: “É preciso que a educação, paralelamente ao livro

O mundo é um grande livro sem texto e o trabalho do homem é legendar o mundo. Estamos aqui para legendar o mundo.

Bartolomeu Campos de Queirós, no documentário *A palavra conta*, de Duto Sperry.

didático, dê também o livro literário, livro que tenha fantasia, porque a literatura é feita de fantasia. A literatura não tem preconceito com nada. Tudo que penso, posso escrever. A fantasia não me pergunta se isso é real ou não. Tudo que quero é possível.”

A EXPERIÊNCIA NO PROLER

Amigos próximos ao escritor contam que seu entusiasmo pela mobilização de leitores Brasil a fora já estava bastante evidente quando trabalhou no Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler), vinculado à Fundação Biblioteca Nacional, na década de 1990.

Cantadores, violeiros, contadores de história, professores, tomaram parte no programa, com o objetivo de levar o incentivo à leitura, das mais diversas formas, a centenas de municípios no Brasil.

Durante quatro anos, Bartolomeu Campos de Queirós atuou no Proler, que chegou, na época, a se espalhar por cerca de 600 municípios em todas as regiões do país. O primeiro município visitado foi Vitória da Conquista, no interior da Bahia, terra do compositor Elomar Figueira de Mello, um dos convidados a colaborar. Ainda em sua caminhada pelo Nordeste, o Proler contou também com a participação de Ariano Suassuna. Depois de sua saída do programa, Bartolomeu Campos de Queirós procurou encontrar meios com os quais pudesse continuar a lidar com a promoção da leitura literária. Por volta de 2002, retomou contato com pessoas com as quais convivera em sua experiência no Proler. Começava a nascer a semente do Movimento por um Brasil Literário.

Apesar de ter presidido a Fundação Clóvis Salgado, vinculada à Secretaria de Cultura do Estado de Minas Gerais, e de ter, no mesmo estado, integrado o Conselho Estadual de Cultura, tinha uma visão clara de que a difusão da leitura deveria ser feita, também, pela sociedade civil. Era o que movia sua vontade em articular um movimento que pudesse permear as mais diversas camadas sociais em prol da leitura e, principalmente, na divulgação dos livros de literatura, sempre convidando à imaginação, à fantasia. Pensava em um movimento que pudesse ser de todos e para todos.

A ARTICULAÇÃO SE INICIA

Em 2008, os anseios de Bartolomeu Campos de Queirós em continuar a caminhada pela promoção dos livros de literatura acabaram encontrando alento em um encontro definitivo para a criação do Movimento por um Brasil Literário. Áurea de Alencar era, na época, gerente de Educação, Arte e Cultura

do Instituto C&A. Ela pensava exatamente em criar um movimento com a dimensão imaginada pelo escritor mineiro. Conversava, naquela ocasião, com a diretoria do instituto do qual fazia parte e também com a Casa Azul, organizadora da Festa Literária Internacional de Paraty, com o Instituto Ecofuturo, Centro de Cultura Luiz Freire e outras instituições.

Ao falar de sua ideia com Elizabeth Serra, secretária-geral da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, esta não só apoiou a iniciativa, como também lhe disse que seria fundamental chamar para a articulação ninguém menos que Bartolomeu Campos de Queirós, que, além de grande autor, era reconhecido por sua atuação como arte-educador, tendo compromisso com a difusão da leitura literária. Convocado a participar, Bartolomeu aderiu imediatamente à proposta e, em seguida, começaram as reuniões para a organização do movimento, que ganhou o nome sugerido por Áurea de Alencar.

Logo nas primeiras reuniões, os convidados perceberam que, por se tratar de um movimento, era necessário haver um manifesto. Ao indagarem quem poderia redigi-lo, todos concordaram que Bartolomeu seria a pessoa mais certa para a empreitada. E ele não se furtou ao desafio. Ficou acertado que o manifesto seria lançado na 7ª Flip, em junho de 2009 (leia a íntegra do Manifesto por um Brasil Literário nas páginas 24 e 25). “Ele escreveu aquela maravilha e foi o ponto de partida para tudo que realizamos. Nada menos do que 7.500 adesões até o momento”, conta Áurea de Alencar. Ela ressalta que o manifesto tem a simplicidade e a elegância das palavras que só Bartolomeu conseguiria dar. “Ele tinha a arte de bem-dizer. Ele bem-dizia e era eminentemente mobilizador”, afirma.

ESCRITOR ENGAJADO EM REUNIR LEITORES

O engajamento de Bartolomeu no movimento pode ser facilmente percebido no documentário *A palavra conta*, já citado anteriormente. “Só mesmo o Bartolomeu

para falar naquele documentário com a leveza que lhe era habitual e dizer tudo aquilo que precisávamos para divulgar o Movimento”, comenta Elizabeth Serra, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

No documentário, o escritor diz coisas preciosas em relação à leitura literária como neste trecho: “Ninguém pede à criança para ver televisão. Ela vê porque todos estão vendo. Se todos estivessem

A literatura acontece quando escritor e leitor se encontram em uma obra que nunca será editada.

Bartolomeu Campos de Queirós em entrevista à Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio.

lendo, ela faria isso também. Precisamos de uma sociedade inteira empenhada nisso. Não dá para jogar responsabilidade para determinados segmentos. Todo mundo é leitor.”

Ainda no mesmo documentário, como se contasse uma história, argumenta a respeito da relação entre leitor e livro: “Quem é leitor nunca está sozinho. O livro é um grande amigo, companheiro, porque nos escuta muito. A relação entre o leitor e o livro é uma relação de escuta também. O texto literário escuta o que o leitor tem a dizer. Contesto, converso com o texto, diálogo com o texto, me contraponho ao texto. Embarco no texto. E quando você descobre esse livro como companhia, viaja por lugares que nunca imaginou.”

MOVIMENTO AMPLIA AÇÕES EM 2012

Desfalcado de seu principal mobilizador, que morreu em 16 de janeiro deste ano, deixando ainda um livro no prelo, o Movimento por um Brasil Literário retoma o fôlego para prosseguir em sua jornada. Aposentada do Instituto C&A, Áurea de Alencar retirou-se por um curto período e, desde o início de 2012, está de volta, agora como coordenadora executiva.

Ela menciona que acabaram de concluir um importante levantamento sobre como a mídia trata assuntos relacionados à literatura. Para o Movimento, é fundamental mobilizar a mídia, cada vez mais, para a importância da leitura literária. Entre as ações em andamento, estão a discussão em torno da criação do Prêmio Jornalista por um Brasil Literário e a formação de comitês do movimento por todo o país, além da participação em diversos seminários e encontros de literatura, incluindo a Festa Literária Internacional de Paraty e o Salão de Literatura Infantil e Juvenil. Do conselho gestor fazem parte ainda as instituições que deram apoio ao movimento em seu início.

De Bartolomeu Campos de Queirós, fica para o movimento o compromisso político com a literatura. “A literatura é um direito que ainda não foi inscrito. Queremos um movimento humanamente literário”, diz Áurea, repetindo com emoção palavras ditas pelo inventivo poeta, prosador, arte-educador, amigo da literatura e dos leitores. ●



Momento da leitura do Manifesto do Movimento por um Brasil Literário, na Flip, em 2009.

Manifesto do Movimento por um Brasil Literário

O Instituto C&A, se somando às proposições da Associação Casa Azul – organizadora da Festa Literária Internacional de Paraty –, à Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, ao Instituto Ecofuturo e ao Centro de Cultura Luiz Freire, manifesta sua intenção de concorrer para fazer do País uma sociedade leitora. Reconhecendo o êxito já conferido, nacional e internacionalmente à FLIP, o projeto busca estender às comunidades atividades mobilizadoras que promovam o exercício da leitura literária.

Reconhecemos como princípio o direito de todos de participarem da produção também literária. No mundo atual, considera-se a alfabetização como um bem e um direito. Isto se deve ao fato de que com a industrialização as profissões exigem que o trabalhador saiba ler. No passado, os ofícios e ocupações eram transmitidos de pai para filho, sem interferência da escola.

Alfabetizar-se, saber ler e escrever tornaram-se hoje condições imprescindíveis à profissionalização e ao emprego. A escola é um espaço necessário para instrumentalizar o sujeito e facilitar seu ingresso no trabalho. Mas pelo avanço

das ciências humanas compreende-se como inerente aos homens e mulheres a necessidade de manifestar e dar corpo às suas capacidades inventivas.

Por outro lado, existe um uso não tão pragmático de escrita e leitura. Numa época em que a oralidade perdeu, em parte, sua força, já não nos postamos diante de narrativas que falavam através da ficção de conteúdos sapienciais, éticos, imaginativos.

É no mundo possível da ficção que o homem se encontra realmente livre para pensar, configurar alternativas, deixar agir a fantasia. Na literatura que, liberto do agir prático e da necessidade, o sujeito viaja por outro mundo possível. Sem preconceitos em sua construção, daí sua possibilidade intrínseca de inclusão, a literatura nos acolhe sem ignorar nossa incompletude.

É o que a literatura oferece e abre a todo aquele que deseja entregar-se à fantasia. Democratiza-se assim o poder de criar, imaginar, recriar, romper o limite do provável. Sua fundação reflexiva possibilita ao leitor dobrar-se sobre si mesmo e estabelecer uma prosa entre o real e o idealizado.

A leitura literária é um direito de todos e que ainda não está escrito. O sujeito anseia por conhecimentos e possui a necessidade de estender suas intuições criadoras aos espaços em que convive. Compreendendo a literatura como capaz de abrir um diálogo subjetivo entre o leitor e a obra, entre o vivido e o sonhado, entre o conhecido e o ainda por conhecer; considerando que este diálogo das diferenças – inerente à literatura – nos confirma como redes de relações; reconhecendo que a maleabilidade do pensamento concorre para a construção de novos desafios para a sociedade; afirmando que a literatura, pela sua configuração, acolhe a todos e

concorre para o exercício de um pensamento crítico, ágil e inventivo; compreendendo que a metáfora literária abriga as experiências do leitor e não ignora suas singularidades, que as instituições em pauta confirmam como essencial para o País a concretização de tal projeto.

Outorgando a si mesmo o privilégio de idealizar outro cotidiano em liberdade, e movido pela intimidade maior de sua fantasia, um conhecimento mais amplo e diverso do mundo ganha corpo, e se instala no desejo dos homens e mulheres promovendo os indivíduos a sujeitos e responsáveis pela sua própria humanidade. De consumidores passa-se a investidores na arteficialidade do mundo. Por ser assim, persegue-se uma sociedade em que a qualidade da existência humana é buscada como um bem inalienável.

Liberdade, espontaneidade, afetividade e fantasia são elementos que fundam a infância. Tais substâncias são também pertinentes à construção literária. Daí, a literatura ser próxima da criança. Possibilitar aos mais jovens acesso ao texto literário é garantir a presença de tais elementos – que inauguram a vida – como essenciais para o seu crescimento. Nesse sentido é indispensável a presença da literatura em todos os espaços por onde circula a infância. Todas as atividades que têm a literatura como objeto central serão promovidas para fazer do País uma sociedade leitora. O apoio de todos que assim compreendem a função literária, a proposição é indispensável. Se é um projeto literário é também uma ação política por sonhar um País mais digno.

MANIFESTO por um Brasil literário: Bartolomeu Campos de Queirós. [Paraty: s.n.], 2009. Disponível em: <<http://www.brasilliterario.org.br/manifesto.php>>. Acesso em: 27 maio 2012.

A photograph of a man with glasses, wearing a dark jacket over a light-colored patterned shirt, sitting and reading a newspaper. The background is slightly blurred, showing what appears to be a window or a bright area. The text is overlaid on the bottom half of the image.

BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS:

Artesão da palavra escrita

Márcia Cabral da Silva

É no mundo possível da ficção que o homem se encontra realmente livre para pensar, configurar alternativas, deixar agir a fantasia. Na literatura que, liberto do agir prático e da necessidade, o sujeito viaja por outro mundo possível. Sem preconceitos em sua construção, daí sua possibilidade intrínseca de inclusão, a literatura nos acolhe sem ignorar nossa incompletude.

O fragmento acima foi extraído do Manifesto por um Brasil Literário, escrito por Bartolomeu Campos de Queirós em 2009, quando do lançamento do movimento partilhado por inúmeros intelectuais, os quais, como ele, acreditam no direito de todo cidadão à leitura e à arte literária em particular, como condição de assegurar no homem, na criança e no jovem sua humanidade (leia a íntegra do Manifesto por um Brasil Literário nas páginas seguintes). A real liberdade para pensar por meio da ficção de que nos fala o escritor no manifesto consiste em uma forte vertente da sua obra. Evidenciam-se do mesmo modo no documento as preocupações do educador e do intelectual engajado nas questões culturais e sociais do seu tempo. Trabalhou no Ministério da Educação e na Secretaria da Cultura de Minas Gerais, o que revela faceta singular na trajetória desse homem generoso, afetuoso e firme no modo de ensinar e ministrar palestras em diversos fóruns sociais, nos quais defendeu a leitura literária como direito de todos, forma de libertação pela arte. Acrescentava no corpo do manifesto:

[...] Liberdade, espontaneidade, afetividade e fantasia são elementos que fundam a infância. Tais substâncias são também pertinentes à construção literária. Daí, a literatura ser próxima da criança. Possibilitar aos mais jovens acesso ao texto literário é garantir a presença de tais elementos, que inauguram a vida, como essenciais para o seu crescimento. Nesse sentido, é indispensável a presença da literatura em todos os espaços por onde circula a infância. Todas as atividades que têm a literatura como objeto central serão promovidas para fazer do país uma sociedade leitora. [...] (www.brasilliterario.org.br)

Trata-se de um humanista afinado com seu tempo; um artesão delicado da palavra escrita. Por essa maestria, foi agraciado com prêmios literários no Brasil e no exterior: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, Selo de Ouro; O Melhor para a Criança, o Melhor para o Jovem – pela FNLIJ; Jabuti e Bienal Internacional de São Paulo – pela Câmara Brasileira do Livro; Grande Prêmio – pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA); Bienal de Belo Horizonte: Diploma de Honra do IBBY; Rosa Blanca de Cuba, Quatrième Octogonal da França, entre outros.

Os livros escritos por Bartolomeu Campos de Queirós ensinam a ler porque interrogam a vida, a passagem do tempo, os enigmas da existência. Ressaltam, sobretudo, a infância como momento propício para descobertas. Todavia, eles não têm fronteiras, não se segmentam em faixas etárias; tratam, em primeiro plano, da condição humana. De tal modo, podem ser lidos e usufruídos por crianças pequenas e gente grande. A obra do autor favorece, sem riscos de infantilizações, rica experiência de leitura. Não é de se estranhar a qualidade referida em se tratando de Bartolomeu Campos de Queirós; cada um dos seus livros traz as marcas de sólida formação humana e intelectual.

SOBRE A FORMAÇÃO E A AMPLA PRODUÇÃO DO AUTOR

O autor nasceu em Papagaio (Minas Gerais) no ano de 1944, onde passou a infância. Circulou por diferentes espaços, dedicando-se à pesquisa e à aprendizagem. Inclui-se sua experiência mundo afora, quando recebe uma bolsa da ONU para estudar em Paris nos anos de 1960. Primeiro, havia cursado filosofia no Brasil e, depois, ingressou no Instituto Pedagógico de Paris. Foi por esta ocasião, e para se sentir menos só, que escreveu o primeiro livro, *O peixe e o pássaro*:

Nasceu meu primeiro texto, *O peixe e o pássaro*, com a intenção única de acariciar-me. Era amparar-me em meu próprio colo. Assim o peso de Paris tornou-se carregável. (COELHO, Nelly Alves. *Dicionário crítico da literatura*

infantil e juvenil. São Paulo: IBEP Nacional, 1995).

Conta o autor, em entrevistas, ter se afeiçoado ao silêncio de quem escreve, ao trabalho minucioso com a palavra. Devido à sua inclinação para o convívio com as palavras, passou a dedicar-se à escrita literária, à educação pela arte. A sua escrita, matizada pelo viés autobiográfico, revela muito do tempo de sua infância, quando precisou elaborar perdas afetivas e se defrontar com a solidão. Nos seus livros, verificam-se, com frequência, enredos contendo um narrador a espreitar os porquês da vida, o modo singular como os adultos agem no mundo: *Ciganos*; *Indez*; *Por parte de pai*; *Ler, escrever, fazer conta de cabeça*; *Faca afiada*; *Até passarinho passa*; *O olho de vidro do meu avô*; *Tempo de voo* e *Vermelho amargo* são alguns dos livros fundamentais para se conhecer esta faceta do autor, pois trazem marcas simbólicas da experiência da infância transfigurada em matéria literária.

Em *Vermelho amargo*:

Sem o colo da mãe eu me fartava em falta de amor. O medo de permanecer desamado fazia de mim o mais inquieto dos enredos. Para abrandar minha impaciência, sujeitava-me aos caprichos de muitos. Exercia a arte de me supor capaz de adivinhar os desejos de todos que me cercavam (QUEIRÓS, 2011, p. 10).

Em *Ciganos*:

Foi de seu pai que ele herdou essa mania calada, esse jeito escondido e mais a saudade de coisas que ele não conhecia, mas imaginava. Sua vontade de partir veio, porém, do desamor. Tudo em casa já andava ocupado: as cadeiras, as camas, os

pratos, os copos. Mesmo o carinho distribuído (QUEIRÓS, 2004, p. 3).

Ao lado das narrativas intimistas, destacam-se os livros que privilegiam as construções literárias elaboradas à luz de recursos lúdicos, momento em que o autor se dedicou a explorar a forma gráfica das palavras, à combinação das formas verbais de modo inusitado. Aproximava, assim, seu estilo do modo singular por meio do qual a criança percebe o mundo, o que pode ser notado em: *Raul, Estória em 3 atos, Onde tem bruxa tem fada...*, *O guarda-chuva do guarda* e *Isso não é um elefante*. A seguir, um trecho de *O guarda-chuva do guarda* como forma de ilustração:

O guarda guarda o guarda-chuva no guarda-roupa. O guarda da minha rua é anjo da guarda e me guarda. O guarda de guarda-chuva aguarda a chuva chover. Chove chuva, no guarda-chuva do guarda.

Contudo, uma vez que o homem é finito, a partida resulta inevitável. Deve ter sido por inspiração de *O guarda-chuva do guarda* que o dia 16 de janeiro de 2012 amanheceu tão chuvoso. Os fiéis leitores, amantes da literatura infantil e juvenil de qualidade, souberam pelos noticiários do falecimento do autor, que há algum tempo tinha sido acometido de grave doença renal. Bartolomeu Campos de Queirós deve ter encontrado, enfim, o silêncio profundo que tanto amava. De fato, ele mesmo não cansava de anunciar que: *Até passarinho passa*.

A passagem é inevitável, mas não de modo irremediável. O seu legado é amplo: mais de 40 livros entre prosa, poesia, ensaios, antologias; muitos deles traduzidos para outras línguas. Compartilhá-los com a família em casa, ler e comentá-los com os colegas na escola, levá-los aos espaços culturais; as possibilidades são tão variadas. Todavia, por ora, vamos nos deter na leitura de sua prosa poética.



Foto: Matheus Dias.

LITERATURA: VIA DE ACESSO À IMAGINAÇÃO CRIADORA

DEIXAR AFLORAR A FANTASIA E LEVAR A ARTE DA PALAVRA AO SEU LIMITE EXTREMO SÃO COMPROMISSOS DO PROSADOR POETA

Seu primeiro livro, *O peixe e o pássaro*, permite inserir sua produção em uma vertente literária de cunho estético-filosófico. O narrador observa um pássaro e um peixe no curso de um dia, como se lançasse mão desta estratégia para falar da passagem do tempo e da liberdade. Surpreende o leitor pensando: eu existo e, por esta razão, observo e pergunto. Esses recursos, o de construir um narrador observando a passagem do tempo e o de aproximar seu olhar com lentes microscópicas de seres miúdos – peixes, pássaros, borboletas –, são recorrentes em vários livros. A leitura de *O peixe e o pássaro*, *Pedro*, *Até passarinho passa* e *Flora*, os quais se inserem nesta vertente, favorece a aprendizagem dos leitores grandes e pequenos, ao associá-la à observação e ao questionamento.

Em *Pedro*:

Pether pintou a borboleta no momento em que ela batia muito as asas. Quem observa borboleta nesse momento pode pensar que a

borboleta se sente muito pesada com tanta cor para carregar. Luta para se equilibrar. Ou quem sabe o mundo das borboletas é tão leve que não precisa de muita força? (QUEIRÓS, 2008, p. 15-16).

Todavia, no caso das crianças menores, convém que a leitura seja promovida com a mediação de um adulto, de um leitor mais experiente. Iniciar a leitura por conta própria a partir de enredos complexos pode gerar frustração no leitor com rarefeita experiência de leitura. Por ainda estar pouco familiarizada com a narração em fragmentos – há momentos em que o autor aproxima o transcorrer da narrativa do próprio pensamento –, a criança pequena necessitará do olhar, da escuta e da mediação do adulto, para se sentir fortalecida, de modo a enfrentar por conta própria leituras cada vez mais complexas em momentos posteriores de sua formação.

Uma ilustração interessante dessa vertente encontra-se em *Até passarinho passa*:

E o nosso alpendre, frio e limpo, se fazia lugar para as perguntas, as dúvidas, os enigmas e

por vezes as lamúrias. Queixava-se das partidas, das perdas, dos desencontros e da brevidade da vida. A noite fechada, depois de matar o dia, consentia a dança de miúdos insetos em volta da lâmpada de luz branda. Era uma dança circular e agitada, até cair as asas de vidro pelo ladrilho frio e limpo. Morriam de muito dançar, eu me espantava (QUEIRÓS, 2003, p. 9).

Flora é outro belo livro que explora a percepção filosófica em relação à passagem inexorável do tempo, à esperança no ciclo da vida que transforma o mundo. Então,

Flora sabia que cada semente guardava uma esperança esperando para virar verdade. As sementes armazenam possibilidades misteriosas e surpreendentes aos olhos. Cada semente é uma fonte de desfecho, uma pausa da eternidade. Ser semente é possuir todas as idades, todos os percursos, todas as histórias (QUEIRÓS, 2009, p. 33).

Há nessa narrativa o trabalho com conceitos complexos: semente que funda o ciclo da vida; semente que germina, paradoxalmente, a morte; semente que guarda esperança. São conceitos elaborados segundo uma abordagem filosófica com respeito à passagem do tempo, que poderão contribuir com a percepção do leitor em formação sobre os ciclos enigmáticos da vida. Conforme o próprio Bartolomeu afirmava em suas palestras voltadas aos professores, a escola deveria ser um espaço propício para acolher a dúvida, provocar inquietações e formar leitores em seu sentido mais amplo. De um lado, os conceitos complexos vão se consolidando por meio desses exercícios. De outro, o professor experimenta a alegria de observar seus alunos cada vez mais curiosos diante das incertezas do mundo, envolvidos com a aprendizagem inquietante proporcionada pela literatura.

A PROSA POÉTICA DE NATUREZA AUTOBIOGRÁFICA CONSISTE EM OUTRA VERTENTE ESSENCIAL NA PRODUÇÃO DO ESCRITOR

“A memória é a mais épica das faculdades”, afirma o filósofo Walter Benjamin em estudos sobre filosofia, cultura e história (1987; 2008). Como sabemos, a epopeia eterniza feitos históricos, lendas seculares e ancestrais, sendo preservada pelas tradições oral e escrita. Se a memória guarda essa dimensão, conforma uma parte essencial da identidade humana. Bartolomeu Campos de Queirós recupera, em larga medida, a dimensão da memória na composição de seus livros. Não se trata de confundir narrador e autor, uma vez que o escritor tinha plena consciência do fazer literário. Esmerava-se, pois, em equilibrar os elementos da composição artística. Em face dessa aguda consciência, é frequente encontrar material autobiográfico sensível transfigurado em seus romances. Philippe Lejeune (1996), na tentativa de conceituar autobiografia, define-a, não apenas a partir de seus elementos intrínsecos – narração em primeira pessoa, coincidência entre narrador e personagem –, mas, sobretudo, nos limites de um pacto firmado entre autor e leitor, ou seja, entendendo o gênero autobiográfico tanto como um modo de escritura quanto de leitura.

Poder-se-ia, então, levantar a hipótese de que em seus romances de viés autobiográfico Bartolomeu Campos de Queirós estabelece esse pacto com base em grande apuro formal. Constrói um narrador contando sua experiência vivida no passado a um leitor no presente, e tal narrativa só se torna possível porque está inserida na tensão passado/presente assim como circunscrita nos limites de um pacto de adesão, de credibilidade por parte do leitor, tal como sugerido por Lejeune.¹

¹ A autora aborda esta questão de maneira ampliada por meio do exame do romance *Infância*, de Graciliano Ramos. Cf. SILVA, Márcia Cabral da. *Uma história da formação do leitor no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

Entende-se, portanto, que a memória do escritor não recuperou os fatos exatamente como aconteceram, pois não seria isso possível, dada a distância temporal entre o momento em que os fatos ocorreram e o momento em que estão sendo lembrados por meio da escritura. É possível mesmo que haja, no trabalho de lembrança, lapsos, omissões, acréscimos, recriação sobre o vivido. Da matéria de vida de tal modo reelaborada derivariam temas essenciais para construção da prosa poética tecida por Bartolomeu Campos de Queirós.

Em *Indez*, por exemplo, acompanha-se um narrador em terceira pessoa a lembrar passagens da infância como em um exercício de reencontrá-la. Assim, o leitor testemunha passagens cortantes do nascimento de um menino que nasceu fora do tempo, sem ao menos pedir licença.

NASCER

Foi na estação das águas que Antônio chegou. Dizem que nasceu antes do tempo. Pediram galinhas gordas emprestadas aos vizinhos. Secaram suas roupas no canto do fogão. Jogaram seu umbigo na correnteza. Nasceu tão fraco que recebeu o batismo em casa, na correria sem festas. Para padrinho, escolheram casal de amigos bem próximos, com muitas desculpas. A morte sem batismo condenaria o menino, mesmo inocente, a viver eternamente no limbo, lugar sem luz (QUEIRÓS, 2004, p. 10).

No transcorrer desta narrativa, descobrem-se de maneira semelhante momentos inaugurais do delicado relacionamento entre pai e mãe. Passagens reveladoras, por assim dizer, do modo como o narrador sublinha a existência simbólica das figuras de um pai e de uma mãe, que trouxeram o menino Antonio ao mundo.

PAI E MÃE

Era silencioso o amor. Podia-se adivinhá-lo no cuidado da mãe enxaguando as roupas

nas águas de anil. Era silencioso, mas via-se o amor entre seus dedos cortando a couve, desfolhando repolhos, cristalizando figos, bordando flores de canela sobre o arroz-doce nas tigelas.

Lia-se o amor no corpo forte do pai, em seu prazer pelo trabalho, em sua mansidão para com os longos domingos. Era silencioso, mas escutava-se o amor murmurando – noite adentro – no quarto do casal. A casa, sem forro, deixava vazar esse murmúrio com aroma de fumo e canela, que invadia lençóis e dúvidas, para depois filtrar-se por entre telhas (QUEIRÓS, 2004, p. 25).

A escrita de si à maneira elaborada por Bartolomeu Campos de Queirós se intensifica por meio do trabalho estético conduzido pelo autor ao longo de sua produção literária. Em distintas narrativas, personagens fundamentais para a constituição da subjetividade de um narrador paradigmático, ora desenhado em primeira pessoa, ora em terceira, parecem deslocar-se de um romance a outro como se, em cada paragem, o autor recuperasse as energias para seguir em direção aos enigmas de si.

O romance *Por parte de pai*, por exemplo, constitui caso emblemático da construção simbólica de um avô, personagem multifacetado em sua obra. De sua construção infere-se uma das bases essenciais para a apreensão da estrutura subjetiva do narrador por ele desenhado.

AVÔ

Eu podia ser um menino arado, atentado, esperto, mas birrento nunca fui. Dormia feliz e acordava na manhã com as asas do nariz pretas de fumaça e cheiro. Não contava meus sonhos, por cima de meu avô adivinhar errado e perder no jogo. Meu pai viajava nas estradas noites seguidas, semanas inteiras sem

pânico, arrepios ou lanternas. Fui feito para pensar além do vivido – falava eu – apertando os olhos para esquecer, apagar, anular tudo. Depois, a palavra caía no meu ouvido e levava dias para doer. Eu tinha o amor do meu avô, e para que mais? Seu carinho me encharcava os olhos quando me oferecia dinheiro, um tostão por fio, para arrancar seus cabelos brancos. Ele gostava era da minha mão de neto, passando sobre ele, mansa, eu sabia (QUEIRÓS, 1995, p. 19-20).

ESCRITA

A escrita consiste em outra chave importante para a apropriação da ficção autobiográfica elaborada pelo autor. Longe de definições mortas e vazias, a escrita torna-se, em sua obra, um meio para falar de si e apreender o mundo. O avô emerge do núcleo desse processo como o artesão, aquele que tece a escrita de cada dia. As passagens referidas a seguir podem ser lidas outra vez em *Por parte de pai*. Primeiro, destaca-se o esmero do exercício artístico em relação à escrita.

Joaquim tinha uma letra bonita. Parecia com escrita fechada em livro de cartório antigo. Letra de certidão de nascimento, guardada em baú de lata em cima do armário. [...] Letra alta, tombada para a direita, quase deitando, mas sem preguiça. Letra farta, cheia de dois efes, dois emes, dois pêes. Meu avô nunca falou de grupo escolar, tabuada, ditado, leitura silenciosa, prova, castigo. Falava de um mestre-escola, de colete e gravata-borboleta. (QUEIRÓS, 1995, p. 10)

Acompanha-se ainda no transcorrer desta narrativa o exercício da escrita como prática histórica e cultural de valor inestimável. Conforme sublinha Philippe Artières, na obra *Arquivar a própria vida* (Rio de Janeiro: FGV, 1997), o gesto de recolher e ordenar

objetos como fotografias, cartas, acontecimentos diz respeito à reconstituição de um arquivo íntimo, um modo de entender melhor quem somos. Trata-se da tentativa de arquivar a própria vida. O personagem Joaquim/avô traz para o primeiro plano da narrativa a escrita com esses traços íntimos, cotidianos e, por assim dizer, arquivava formas de sociabilidade à época, permite-nos ler aquele modo de vida:

Todo acontecimento da cidade, da casa do vizinho, meu avô escrevia nas paredes. Quem casou, morreu, fugiu, caiu, matou, traiu, comprou, juntou, chegou, partiu. Coisas simples como a agulha perdida no buraco do assoalho, ele escrevia. A história do açúcar sumido durante a guerra, estava anotado. Eu também não sabia por que os soldados tinham tanta coisa a adoçar. Também desenhava tesouras desaparecidas, serrotes sem dentes, facas perdidas. E a casa, de corredor comprido, ia ficando bordada, estampada de cima a baixo. As paredes eram o caderno do meu avô (QUEIRÓS, 1995, p. 10-11).

BRINCAR COM AS PALAVRAS E REINVENTAR CONSTRUÇÕES PELO AVESSE SÃO PARTE IMPORTANTE DE SUA OBRA

As crianças pequenas demonstram forte inclinação para o jogo com as palavras.² Elas são especialmente próximas do lúdico e, no momento da leitura, parecem aproximar-se dos enredos pela gratuidade que o jogo oferece. Walter Benjamim, no texto “Magia e Técnica, Arte e Política”, compartilhava dessa percepção e acrescentava:

² Conferir a este respeito os resultados da pesquisa realizada pela autora a partir do exame de 15 livros de literatura infantil voltados para a criança na fase da alfabetização (SILVA, Márcia Cabral da. *Infância e literatura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010).

Criança lendo: [...] Ela está misturada entre os personagens muito mais de perto que o adulto. É indivisivelmente preocupada pelo acontecer e pelas palavras trocadas e, quando se levanta, está toda coberta pela neve do lido (BENJAMIM, 1987, p. 37).

Bartolomeu Campos de Queirós foi bastante habilidoso na construção de enredos marcados por componentes lúdicos, perceptíveis nos jogos de palavras e em narrativas simples, mas nada simplórias. Ao contrário, podem-se acompanhar essas construções bem elaboradas, por exemplo, em *Raul, Estória em 3 atos, O guarda-chuva do guarda* e *Isso não é um elefante*. *Estória em 3 atos* é emblemática. Nesta obra, observam-se as aventuras do gato, do pato e do rato em três jogos de cena. Eles brincam até não poder mais, virando as palavras pelo avesso: “No segundo ato o gato vira pato, o pato vira gato. O quá, quá é do gato que nada no rio. O miáu é do pato que passeia no teto.” Verifica-se nestes trechos a maestria do autor por meio da utilização de jogos fonéticos e semânticos com as palavras. Observa-se, sobretudo, recurso *sui generis* na troca das identidades dos animais.

Nesta mesma vertente, pode ser lido *Isso não é um elefante*. Por acreditar na capacidade que tem a criança de “fantasiar coisas bonitas e sérias”, o autor inventa um bicho raro, transmutação de formiga em elefante, ou vice-versa, que só pode ser compreendido por meio da chave deliberada da ficção. Para esta tarefa, convoca a criança a fazer uso de sua capacidade de inventar uma realidade nova para

habitar o mundo em que vive. Essa dimensão pode ser alcançada, especialmente, por meio da arte literária associada ao brinquedo.³

O elefante ocupou a formiga inteira. Sua barriga ficou na barriga da formiga, suas pernas, nas pernas da formiga, suas orelhas da formiga. A formiga se espichou, se esticou inteira para caber o elefante e pensou: “Não preciso mais comer pela vida toda.” Só ficaram de fora os dois dentes de marfim. E da soma dos dois bichos nasceu uma terceira coisa indigesta, exageradamente desconhecida, pesando dois milhões e um grama (QUEIRÓS, 2009, p. 10).

De maneira intencional, o autor promove a suspensão da realidade, permitindo que a criança examine-a por ângulos diferenciados, incomuns. Tal recurso possibilitará ao professor dos anos iniciais, por exemplo, envolver as crianças nestas e em outras transfigurações da realidade. Exercício criativo com a fantasia para o qual Bartolomeu esteve sempre atento nos livros que comentamos e no conjunto de sua obra.

Restaria convidá-los à leitura dos livros por inteiro, para muito além dos limites deste ensaio. Bartolomeu Campos de Queirós, artesão da palavra escrita, aprovaria o gesto com simplicidade e com muita alegria. Vamos à leitura? ●

³ Neste sentido, conferir, em especial, as reflexões tecidas em PARREIRAS, Nínia. *O brinquedo na literatura infantil: uma leitura psicanalítica*. São Paulo: Biruta, 2008.



Márcia Cabral da Silva é professora do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Educação na UERJ. Atua na Linha de Pesquisa “Instituições, Práticas Educativas e História” e coordena o Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação na mesma instituição.

Foto: arquivo pessoal.

Conheça alguns títulos de Bartolomeu publicados no Brasil

- O peixe e o pássaro.** Lisboa: Editorial Vega, 1974.
- Onde tem bruxa tem fada.** Lisboa: Editorial Vega, 1979.
- Raul Luar.** Belo Horizonte: RHJ, 1982.
- Ciganos.** Belo Horizonte: Miguilim, 1982.
- Mário.** Belo Horizonte: Miguilim, 1982
- As patas da vaca.** Belo Horizonte: Miguilin, 1985
- Coração não toma sol.** São Paulo: FTD, 1986.
- Cavaleiros das sete luas.** São Paulo: Global, 2000.
- Flora.** São Paulo: Global, 1986.
- Correspondência.** Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação, 1986.
- Rosa dos ventos.** São Paulo: Ibec Nacional, 1988.
- Apontamentos.** Belo Horizonte: Formato, 1989.
- Minerações.** Belo Horizonte: RHJ Livros, 1991.
- Pintinhos e pintinhas.** São Paulo: FTD, 1986
- Papo de pato.** Belo Horizonte: Formato, 1989
- Por parte de pai.** Belo Horizonte: RHJ, 1995.
- Escritura.** São Paulo: Quinteto, 1990.
- Ah! Mar.** Belo Horizonte: Alis, 1996.
- Ler, escrever e fazer conta de cabeça.** São Paulo: Global, 2004.
- Escritura.** São Paulo: Quinteto, 1990.
- Pedro.** Belo Horizonte: Miguilim, 1983.
- Diário de classe.** São Paulo: Moderna, 1992.
- De não em não.** Belo Horizonte: Miguilim, 1998.
- Os cinco sentidos.** Belo Horizonte: Miguilim, 1999.
- Faca afiada.** São Paulo: Moderna, 2000.
- Das palavras.** Goiânia: Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira: Instituto Goiano do Livro, 2000.
- Bichos são todos... bichos!** São Paulo: Ed. do Brasil, 2001.
- Mais com mais dá menos.** Belo Horizonte: RHJ, 2002.
- Estória em 3 atos.** Belo Horizonte: Miguilim, 2002.
- A Matinta Perera.** São Paulo: FTD, 2002.
- Menino de Belém.** São Paulo: Moderna, 2002.
- Vida e obra de Aletrícia depois de Zoroastro.** São Paulo: Moderna, 2003.

Até passarinho passa. São Paulo: Moderna, 2003.
O piolho. Belo Horizonte: RHJ, 2003.
Entretantos. Belo Horizonte: Conselho Regional de Psicologia, 4a. Região, 2004.
Pé de sapo e sapato de pato. São Paulo: Ed. do Brasil, 2004.
Indez. São Paulo: Global, 2004.
Formiga amiga. São Paulo: Moderna, 2004.
O guarda-chuva do guarda. São Paulo: Moderna, 2004.
O olho de vidro do meu avô. São Paulo: Moderna, 2004.
O pato pacato. São Paulo: Moderna, 2004.
De letra em letra. São Paulo: Moderna, 2004.
Para criar passarinho. Belo Horizonte: Miguilim, 2005.
Somos todos igualzinhos. São Paulo: Global, 2006.
Henriqueta Lisboa: luz da lua. São Paulo: Moderna, 2006.
Sem palmeira ou sábia. São Paulo: Ed. Peirópolis, 2006.
Antes do depois. Rio de Janeiro: Manati, 2006.
Para ler em silêncio. São Paulo: Moderna, 2007.
Sei por ouvir dizer. Erechim: Edelbra, 2007.
O ovo e o anjo. São Paulo: Global, 2007.
Foi assim... São Paulo: Moderna, 2008.
Menino inteiro. São Paulo: Global, 2009.
Tempo de voo. São Paulo: Comboio de Corda, 2009.
O livro de Ana. São Paulo: Global, 2009.
Isso não é um elefante. Belo Horizonte: Abacatte, 2009.
A árvore. São Paulo: Paulinas, 2010.
2 patas e 1 tatu. Curitiba: Positivo, 2010.
Trocando gato por lebre ou menino por vaca. Belo Horizonte: RHJ, 2010.
Vermelho amargo. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

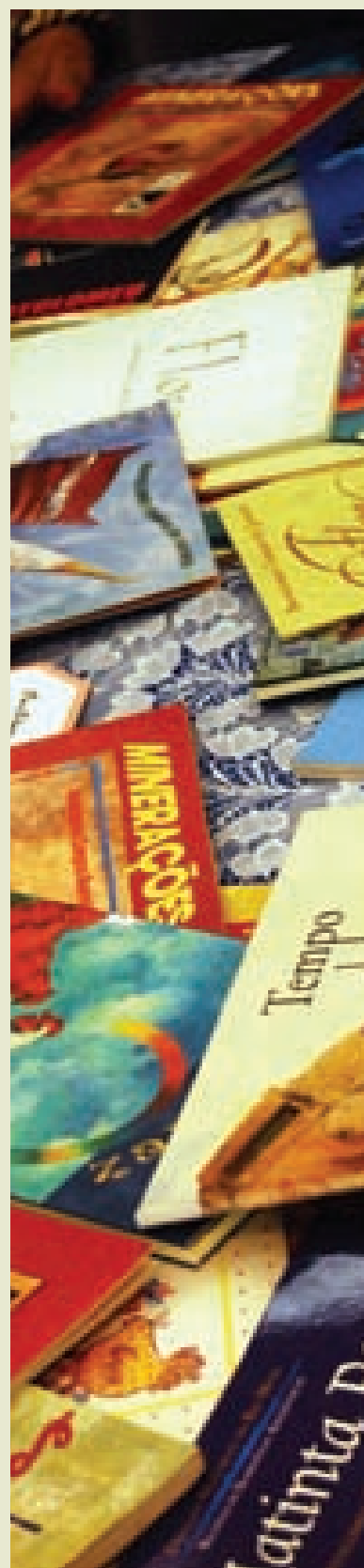


Foto: Fernanda Pedrosa/Cateira Unesco de Lettura.

MEMÓRIAS DE MENINO: POESIA E MELANCOLIA

Eliana Yunes

Falar em poesia é o mote para encontrar Bartolomeu Campos de Queirós. Decididamente, ela está na raiz do seu trabalho, muito mais como *poiesis* do que poema, às vezes em prosa, sempre lírica com ressaibos épicos e trágicos, aqui e acolá, com um gosto melancólico bem ao fundo, como sabor que se busca em bons vinhos. É nesta vertente poética que podemos localizar o então novamente candidato do Brasil ao prêmio Hans Christian Andersen do IBBY, e que diz não saber porque ficou “indiciado” como autor de literatura infantil. Com razão.

De seus primeiros livros, *O peixe e o pássaro* faz uma versão em linguagem verbal de um quadro de Escher: duas imagens articuladas em que põe ressonâncias semânticas distintas, de atração, sedução, liberdade, harmonia, mas onde prevalece o desejo do encontro, do abraço; *Onde tem bruxa tem fada* é certamente, para o autor-modelo, uma virtual alegoria política do Brasil dos anos 1970, assim como *Apontamentos* e *Correspondência* o serão para os anos 1980; *Ciganos* e *Ah! Mar* são contos de reminiscências mineiras de terra e água e, sem qualquer reducionismo, cabem na leitura de gente grande.

Talvez as imagens de muita expressividade e o ritmo melodioso, de compasso breve em suas frases,

tivessem induzido a um enquadramento na literatura de crianças, na década do chamado *boom* da literatura infantil. Tomado de assalto e consagrado no gênero infantojuvenil por inúmeras reedições – *Onde tem bruxa...* já chegou a 100ª edição! –, Bartô, para os amigos, permitiu-se brincar em outras obras: *História em 3 atos*, *Papo de pato*, *As patas da vaca*, *Diário de classe* e *Raul luar*, explorando mais as sonoridades da língua, o jogo gráfico e o *nonsense*. Essas características acabaram por premiá-lo, definitivamente, como um expoente dos que “escrevem para crianças”.

Mas se, além dos primeiros, olharmos os últimos livros, fica muito difícil a categorização: *Cavaleiros das 7 luas*, *Minerações*, *Faca afiada*, *Indez*, *Por parte de pai*, *Ler, escrever e fazer conta de cabeça* e, agora, *Vermelho amargo* têm densidades que devem estimular muito mais os leitores adultos, aqueles que já podem lembrar do que amaram, perderam, sofreram e ganharam. Na infância, ao contrário, tudo é presente, tempo sem memória em que sustos e diabruras se alternam, onde a esgrima invisível com pai e mãe dissipam as tonalidades amargas com que as vestiremos depois. Lembrar dói, não pela dor da hora, mas pela dor poderosa de que revestimos o passado, criando martírios e coroas para o parto que é agora o da consciência de

si: alguns se embriagam de tal maneira com a endorfinina prazerosa das lembranças que abdicam da festa, da libertação deste cativo insólito em que a infância pode se transformar.

Mas não foi isso que Bartô fez. De fato, mergulhou na memória, desde *Ciganos*, e, dos vazios e soluços, dos sobressaltos e perdas, fez literatura. Com ela, ficcionalizou a vida, isto é, tornou-se autor de sua história: em uma palavra, deu a volta por cima. Na aula de clausura da pós-graduação em Leitura, da Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio, confessava o ardil: “sem a morte precoce de minha mãe eu não me teria tornado escritor”.

Foi assim, alçando voo das misérias cotidianas da infância, que lançou um olhar do alto sobre a paisagem humana, para desenhá-la no marco de outros horizontes. Com um título que escamoteia a literatura para os que pensam a leitura apenas entre as quatro paredes da sala de aula, *Ler, escrever e fazer conta de cabeça* mobiliza leitores e críticos para aproximarem-se desse universo da memória. Universo que, em autobiografias explícitas ou ficcionais, podemos visitar em Proust e Virgínia Woolf, em Graciliano Ramos e Machado de Assis, em Paul Auster e Margarithhe Youcenar, em Lygia Bojunga e Bartolomeu Campos de Queirós.

A memória, na formulação freudiana, tem suas raízes no esquecimento – ou melhor, não as tem na lembrança – e no espaço das percepções involuntárias de que o tempo faz matéria, como explica Bergson, em *Tempo e memória*. O exercício da recordação, imperfeito por excelência, serve à perfeição para construir, com todas as correções, a biografia de nossos sonhos ou pesadelos. Sobre os lapsos, lançamos pontes; sobre os recalques, compomos imagens, e vamos montando, à luz do desejo e do imaginário, a narração com que queremos nos ver identificados. Por isso, memória e identidade andam juntos e nem sempre nos

damos conta, com argúcia, do paradoxo e das meias-verdades que se engendram nessa relação. Não é à toa que nomes como José Lins do Rego e Oswald de Andrade escreveram mais de uma biografia – a documental, menos para corrigir a romanceada e mais para atestar a condição impalpável do real.

A memória, cujo texto é grafado pela emoção e pelo sentimento, torna-se opaca por força da razão ordenadora do discurso lógico. Assim, recordar – colocar de novo no coração – é apresentar, presentificar o que se desconhece, e não revelar o que se sabe. A identidade não é, pois, coincidência; é referência que se constrói, e só quando se assume a memória como referente seletivo, combinado a modo secreto, inclusive para o sujeito, ela pode ter alguma utilidade e verossimilhança para o memorialista. Como a memória opera com os ocos, com as sombras, com as faltas, será necessariamente o cheio, a luz, o pleno que se lhes atribuir, que lhes dará sentido. Às vezes, somente pela escrita o sujeito se constrói e liberta – a menos que opte deliberadamente e misteriosamente por não se ler, isto é, destruir-se, para não “lembrar-se”.

É extremamente fértil o ciclo da memória na obra de Bartolomeu, até chegar a este inadvertido e denso *Vermelho amargo*. O olhar do narrador não perde de vista um menino entre seus 6 e 10 anos, que aparece em *Ciganos*. Ali, debruçado sobre a praça onde eles estendiam suas tendas e faziam brilhar seus cobres, o menino teme o rapto e o deseja para preocupar o pai e ser por ele resgatado. O martelo burila o metal e a solidão, o menino. Do fundo silencioso de seu poço, o ódio, a revolta, a autocompaixão são batidos também, mas pelos sonhos. O menino fala de sua dor sem se comprazer nela: vai aos poucos atravessando o prisma do tempo e decompondo os desafetos, os medos e as fantasias. *Ciganos* (1982) é o tributo à fantasia de um menino cuja vida bebeu desta fonte dos desejos.

Em *Indez* (1986), quase quatro anos depois, a narrativa se redimensiona: o ovo gorado é o mesmo que garante o ninho, em torno do qual os outros ganham vida, devido a quem a galinha segue acolhendo, aquecendo, esforçando-se por criar. Antônio, o menino indez, desata uma história de família nos tons mais cotidianos: de fazer comida, olhar estrelas, brincar com os bichos, marcar as horas da sexta às completas, não de um dia, mas dos dias/estações – rodando da casa ao quintal, daí à igreja e de lá à escola. Nasce, assim, uma escrita amorosa que começa com contos de princesas e desemboca em recados de Antônio para um narrador que, confessa, dele não se desprende.

A partida para casa do “avô por parte de pai” (1995) introduz uma perspectiva desfocada para muitas cenas do primeiro momento no ninho. A coerência

Fazer literatura para Bartolomeu é inventar a vida sem a fantasia ingênua de estar falando realmente dela ou do vivido.

está mesmo em mostrar as infinitas versões, o descompasso entre o desejo e o ensino. Com o avô, a primeira pessoa aparece, ela que andava por trás de uma terceira voz até então. Enquanto diz “meu avô”, diz “eu”, e alcança uma intimidade que só existira junto ao pai por meio dos “cheiros do papel roxo da maçã”, do pastel de vento, “de massa corada e cheio de nada”.

Um autor-modelo adulto insiste neste narrador menino e rastreia nas paredes da casa do avô, feitas páginas de um livro sem folhas, a lição de memória e escrita para o alterego, Antônio neto. A carvão, os acontecimentos da vida em família, da cidade, são parte da primeira biblioteca do menino que lia o mundo com a avidez dos tímidos e o medo dos

corajosos. Mas o menino, que se queria levado pelos ciganos para se sentir amado, senta-se na boleia, ao lado do pai, em silêncio. Ah!, antes te houvessem levado os que liam as mãos como as estrelas!

As ternuras inventadas na memória da casa paterna e os braços que acolhiam o sono ao pé do fogo na cozinha deram lugar às mãos rudes que empunhavam chicote ou cinto de couro, bem ao jeito de Graciliano, que apanhava sem saber por que e sentia que “pitombas” tinham gosto de injustiça. Nenhuma contradição, diria Bachelar em *O direito de sonhar*, para quem “ir aos arquivos da memória” significa “reencontrar, para além dos fatos, valores”. São valores, não fatos, a tentativa de desentender a mãe e chegar a ser como o pai imaginário. Então descobre com o avô: “para quem sabe ler, um pingo nunca foi letra”. Afinal, o pai tinha “seus momentos de anjo”.

Para resgatá-los, pela escrita, o menino enceta mais uma viagem ao coração da infância. Sem compromisso com a linearidade, nem temor de escrever o mesmo, como quem escreve outra coisa, sai da casa do avô, já com o coração da palavra na boca. Uma providencial experiência com a escola para aprender a *Ler, escrever e fazer conta de cabeça* (1996) vem socorrê-lo na figura lúcida e amorosa de uma professora. Ela é quem lhe ensina mais que as letras, o milagre de somar, multiplicar e dividir os afetos e os eternalizar pela escrita, quando a morte da mãe lhe rouba tanto as promessas como as recusas do amor.

Pode a memória vir involuntária, jorrando imagens, mas cada palavra desta quaderna memorialista foi pesada e medida para “expressar gratidão”, completando as exigências mínimas do aprendizado, segundo o pai. Palavra por palavra, edifica para si e para os outros o vivido, traçando por fragmentos um memorável jogo de armar sobre a infância que, se tem tons melancólicos, não abandona o sentimento de profunda gratidão pela vida.

Se para ter gratidão é preciso copiar exemplos, o menino Antônio/Bartolomeu faz um corte arqueológico para encontrar a memória familiar, social, histórica das Gerais que lhe permitisse assentar – como explica Halbwach em *A memória coletiva* – a outra, pessoal e lírica. Quer dispô-la em novos arranjos, reescrita sem pudores, até mostrar a face que, longe da harmonia sem trincos, exhibe as distorções do afeto. No entanto, procura afastar a sombra de desalento que insiste em não deixá-lo.

Talvez este seja o “efeito” da obra de Bartolomeu que lhe permite contar, entre seus receptores, com gente que ainda habita o país da infância. Os narradores, distanciados ou próximos, em 3ª ou 1ª pessoa, não abdicam da esperança, não se paralisam com as tragédias, apesar de elas estarem cada vez mais presentes, como em *Até passarinho passa*, premiado pela Academia Brasileira de Letras. Um texto – bem na medida das recomendações de Calvino para o próximo milênio: “exato, rápido, leve, múltiplo, dá visibilidade” visível imaginária ao corpo da experiência humana, insondável apesar das linguagens. Qualquer excesso seria mortal e piegas – Ah!, “Meu pé de laranja lima”! Qualquer escassez seria pretensiosa e impessoal –, Ah!, “Minha vida de menino” entre os Nabuco!

Fazer literatura para Bartolomeu é inventar a vida sem a fantasia ingênua de estar falando realmente dela ou do vivido: “este acontecimento é finito” – lembra-nos Benjamim em *Reflexões: a criança, o brinquedo a educação* –, e para que ele seja sem limites deve ser “lembrado”, destituído da preocupação da verdade. Esta, nem o sujeito do inconsciente acessa: a verdade existe, mas não é nomeável – seu nome é impronunciável apesar de ser tudo o que existe, existiu ou existirá. O exercício da escrita

depende exaustivamente do exercício das leituras: quanto mais lermos os pingos da nossa história, melhores serão as letras com que a escreveremos.

Enfim, seu último livro, *Vermelho amargo*, que foi entregue pessoalmente à edição, atinge-nos simultaneamente com um soco no estômago – diria outro autor de memórias na literatura de jovens, Ari Quintella – em seu *Cão danado* – e uma doçura melancólica.

Difícilmente outro livro sobre a dor da infância nos tomará tão profundamente de assalto como este do menino Bartolomeu Campos de Queirós. Com o olhar de criança, ele nos entrega um livro adulto semelhante ao que Guimarães Rosa fez em *Manuelzão e Miguilim*. Tomates vermelhos cortados à faca afiada são imagem que corta o coração no sentimento inarredável dos amores perdidos desde a mais tenra idade. Mas da melancolia ele fez poesia e da amargura, literatura.

Com *Vermelho amargo*, a obra memorialista do escritor, iniciada com *Ciganos*, percorre longos anos com narrativas enxutas, precisas, até atingir a confissão profunda, amarga, das perdas que marcaram por toda a vida de uma personagem que só foi mudando de nome, mas não de memórias!

Bartolomeu Campos Queirós aprendeu uma lição que o avô nunca lhe deu como tal e esqueceu todas as que não lhe deram exemplaridade, todas aquelas das quais não pôde guardar gratidão. Rememorando o grato apenas – doce ou amargo – nos lega uma leitura da infância com densidade só comparável às de Graciliano Ramos e Guimarães Rosa na ficção brasileira e, em muitos momentos, mais poética que elas. ●



Eliana Yunes formou-se em Filosofia e Letras. É mestre em Letras, doutora em Linguística e em Literatura, e fez pós-doutorado em Leitura. É coordenadora adjunta da Cátedra Unesco de Leitura, na PUC-Rio, onde leciona. É professora visitante em diversas universidades no Brasil e no exterior.

Foto: arquivo pessoal.

ILUSTRAÇÃO E PINTURA: OS ETERNOS CONFLITOS DA VIZINHANÇA E DA DISTÂNCIA

Rui de Oliveira

CONCEITOS DE PINTURA E ILUSTRAÇÃO

Temos uma vasta bibliografia sobre a análise crítica da pintura, da escultura e da arquitetura, mas somos muito carentes no campo da imagem impressa.

Os propósitos estéticos da imagem reproduzida em série possuem seus questionamentos. Ela requer – sem dúvida – um método de abordagem diferenciado, no entanto, é difícil ignorar o longo trajeto das reflexões sobre as artes plásticas, especialmente sobre pintura.

Em outras palavras, é impossível estudar a linguagem da ilustração de livros, que é o gênero de ilustração enfocado neste texto, sem fazer alusão à pintura e às suas sutis diferenças e semelhanças com a ilustração. A ilustração não é uma simplificação do erudito, tampouco é um *kitsch* da pintura – sem mencionar seu destino de imagem reproduzida, quase sempre em contradição e infiel ao que o ilustrador criou. O fato de o ilustrador utilizar comumente em seu trabalho o mesmo instrumental técnico e até o mesmo suporte de um pintor – aquarela, óleo, acrílico, guache e tela – faz com que seus aspectos configuracionais assemelhem-se a um pintor. No entanto, conceitualmente

existem diferenças fundamentais entre a ilustração e a pintura.

AS DIFERENÇAS

1 - A ilustração está sempre atrelada a um texto literário, excetuando os livros de imagens. Ao primeiro olhar, isso se assombra como um obstáculo que parece conspirar contra a liberdade e autoexpressão do ilustrador. Esta é a primeira diferença básica. A pintura pode estar ou não referenciada ao texto literário. Em alguns momentos, a pintura foi profundamente literária. Apenas citando um exemplo, é o caso dos pintores pré-rafaelitas, do final do século XIX. Muitos, inclusive, eram escritores e ilustradores, como Dante Gabriel Rossetti (1828-1882).

Mesmo assim, apesar dessa condicionalidade à palavra, a ilustração pode e deve assumir um caráter de transcendência do texto, o que não significa transgressão. Portanto, o critério único de avaliação, baseado na adequação à palavra, não explica toda a extensão da arte de ilustrar. Onde termina a palavra começa a arte da ilustração. Ela jamais é uma paráfrase do texto, tampouco espelho, ela é, na verdade, um prisma do texto. Ilustrar será sempre a arte de sugerir narrativas.

2 - Outra grande distância e diferença entre ilustração e pintura é o modo de ver. A fruição correta da ilustração ocorre no passar das páginas, em sua reprodução. A ilustração é profundamente sequencial, estando inexoravelmente vinculada à temporalidade dos fatos.

As gigantescas pinturas em preto e branco de um artista contemporâneo, como Richard Serra (1939), são sequenciais, mas dentro de uma galeria. A sequencialidade na ilustração é constituída de arquitetura gráfica, com espaços em branco das páginas, vinhetas, frontispícios, guarda, capitulares, tipografia, enfim, a ilustração possui, assim, como a música barroca, um baixo contínuo de sustentação.

3 - Outra grande diferença de fruição da ilustração e da pintura é o seu aspecto presencial. Apesar de a pintura ser conhecida em nossos dias basicamente por meio de suas reproduções em livros de arte, arquivos digitais na internet, este fato não elimina a circunstância de que sua apreciação integral requer a fruição direta da obra original – ou em museus, ou em galerias de arte.

Mesmo considerando as modernas linguagens das artes plásticas – como instalações, objetos de arte e performances –, elas geralmente exigem, do mesmo modo que a pintura tradicional de cavalete, a visão presencial do visitante ou do espectador. Todavia, a questão central da peça única permanece, excluindo movimentos artísticos intrinsecamente voltados para a utilização de objetos industriais, como nas obras de Duchamps (1887-1968) ou de Paolozzi (1924-2005). Mantêm-se, assim, os conceitos de peça única, e a necessidade presencial.

Portanto, a pintura possui um rito de percepção que não existe na ilustração, que está comumente disposta ao longo de um livro e sempre referenciada a um texto. A ilustração não tem esse ritual, esse

cerimonial de fruição. Os modernos processos de criação da imagem – sua captação e transporte direto para a impressão – fizeram com que o original, no sentido tradicional do termo, comumente não exista mais na ilustração.

4 - Outra significativa diferença conceitual entre a ilustração e a pintura é o fato de a primeira sempre narrar e descrever uma história. Na ilustração, esses dois olhares são fundamentais e ocorrem simultaneamente. No caso da pintura, apesar de sua grande tradição narrativa no ocidente, ela pode, em determinados momentos, ausentar-se de contar uma história. É o caso de uma natureza morta, do *portrait* de uma representada anônima, ou mesmo de um nu.

Neste caso, quando não fazemos nenhuma ilação, ou desconhecemos qualquer tipo de relação entre o pintor e a modelo, ou se ela é a favorita de alguém que pagou o artista para representá-la, como aconteceu com Gustave Courbet (1819-1877) em seu famoso e insólito nu denominado o Centro do mundo. Tais observações também valem para os secretos, ousa-

A fruição correta da ilustração ocorre no passar das páginas, em sua reprodução. A ilustração é profundamente sequencial, estando inexoravelmente vinculada à temporalidade dos fatos.

dos e sensuais nus masculinos desenhados por J. S. Sargent (1856-1925). São ilações, não histórias.

Esses exemplos não representam narrativas, e, sim, fatos, vicissitudes humanas. Quando Rembrandt (1606-1669) realiza o último retrato de seu único e adorado filho Tito, por volta de 1660, é visível no rosto sombrio e febril do rapaz o triste presságio de

seu pai – tempos depois Tito faleceria. A própria morte do artista ocorreria um ano após a do filho. O mesmo fenômeno acontece quando sabemos do triângulo amoroso entre Dante Gabriel Rossetti e sua modelo favorita Jane Morris, intensamente representada pelo artista – ela era esposa de William Morris (1834-1896) – detalhes que se entrelaçam logo após a morte prematura, por uso de lúdanos, de sua antiga modelo e esposa Elizabeth Siddal.

Tudo são fatos. Histórias. Labirintos da alma humana, mas não são narrativas.

5 - Outra diferença é o fato de a ilustração ser essencialmente figurativa e estar sempre comprometida com as formas do universo tangível. A pintura pode ser figurativa ou não. El Lissitzky (1890-1941) criou em 1922 um livro abstrato para as crianças por meio de formas geométricas, denomi-

A pintura possui um rito de percepção que não existe na ilustração, que está comumente disposta ao longo de um livro e sempre referenciada a um texto.

nado *Os dois quadrados*. Bem mais tarde, nesta mesma direção, o ilustrador ítalo-americano Leo Lionni (1910-1999) ilustra um interessante livro: *Pequeno azul, pequeno amarelo*. O primeiro conta uma parábola politizante. O segundo, a relação de uma forma amarela com um azul que tem um filho verde. Em termos conceituais da arte abstrata, isso é impossível. Ela possui um total alheamento dos fatos cotidianos, bem como de seus conteúdos. A pintura abstrata é o aqui e agora. Seu espaço não é físico, é conceitual. É inútil procurar o céu nos azuis das pinturas abstratas de um artista extraordinário como Arshile Gorky (1904-1948). O azul é referente a si mesmo, é o próprio conteúdo e a mais pura

subjetividade da cor. Portanto, a abstração é atemporal e está longe de contar ou descrever histórias.

6 - A própria tradição do conceito de original também representa uma das grandes diferenças entre a ilustração e a pintura. O ilustrador, ao contrário do pintor, elabora conceitual e tecnicamente seu trabalho para ser reproduzido. Do ponto de vista puramente técnico, o conceito de original para o ilustrador está representado no múltiplo, isto é, na reprodução industrial de sua ilustração.

Tomando o aspecto do múltiplo como processo gerador de conhecimento, veremos que é uma história muito antiga, e, neste sentido – como veremos mais adiante –, a arte da ilustração nos livros para crianças e jovens tem em nossos dias uma importância cultural que as artes plásticas de modo geral não mais representam. Retornando no tempo e citando apenas alguns exemplos, veremos que Albrecht Dürer (1471-1528) conheceu primeiramente o renascimento italiano por meio de reproduções em xilogravura das obras dos grandes mestres. Artistas do período vitoriano também conheceram a obra de Giotto (c.1267-1337) basicamente por gravuras. No caso de Peter Rubens (1577-1640), um dos mais importantes pintores flamengos, além de desenvolver intensa atividade como ilustrador de livros, também difundiu sua arte e seu estilo por toda a Europa utilizando reproduções de suas pinturas. Para tanto, contou com um operoso e bem organizado *atelier* com dezenas de gravadores.

QUANDO A ARTE DA ILUSTRAÇÃO DE LIVROS PLAGIA A PINTURA E O DESIGN

O título deste tópico pode parecer estranho, mas estamos diante, a meu ver, de um indesejado alinhamento da ilustração de livros à pintura e ao *design*. Frequentemente, vemos livros para crianças que parecem exercícios de tardio neoplasticismo, ou construtivismo russo do período bolchevista, ou



Imagem: Editora Cia. das Letras

Chapeuzinho Vermelho (SANDRONI, L. e OLIVEIRA, R., 2002)

mesmo projeto de folders e catálogos para empresas. Ilustrações que se assemelham a padrões têxteis ou papel de parede para quarto de crianças. Uma forma de arte rupestre, sem a magia desta, embora a maior influência seja oriunda das artes plásticas exibidas em galerias, ou em revistas especializadas. Essa transferência de uma pintura, ou objeto de arte que se autojustifica, egotista em suas subjetividades, que renuncia as questões de forma e fundo, que vulgariza a representação figurativa, enfim, são hieróglifos pictóricos que resultam estranhos em uma ilustração, e, principalmente, no olhar de uma criança. São textos muitas vezes escritos realmente para crianças e adolescentes, mas suas imagens são supostamente para adultos, ou para os exegetas de literatura e imagens narrativas.

Esse alinhamento automático citado anteriormente em geral cria conceitos polarizados e estigmatizados. Em uma margem, a ilustração “renascentista” ou “clássica”; em outro polo, no olimpo da modernidade, a ilustração contemporânea. Quase sempre uma transferência, um enxerto, do que está sendo aceito no momento como contemporâneo em artes plásticas.

A obra de um artista meteórico como Basquiat (1960-1988) exerce, sem dúvida, grande influência na ilustração de livros para crianças. Aqui no Brasil, inclusive. É um fenômeno clássico desta transferência de códigos de linguagens. Aquilo que resulta – de uma forma aceita pelas galerias – como imagem contemporânea não necessariamente será contemporâneo, ou principalmente adequado ao universo da ilustração para crianças e jovens. Acrescente-se ainda a este fenômeno a frequente referência como sendo uma ilustração, mas que, na verdade, pertence ao gênero do cartum, caricatura e quadrinhos. Essa questão significativa de conceituação do que seja ilustração, e os gêneros há pouco citados, infelizmente foge ao escopo deste estudo. Estamos apenas refletindo sobre os ruídos importados da pintura e do *design*.

Esses distanciamentos – eu diria até: excessiva ordenação, pureza linear e pictórica de artistas que ilustram livros como se fossem projetos de comunicação visual, imersos em uma postura quase sacerdotal do *design* – acrescidos do uso indiscriminado

da computação gráfica, não como legítimo meio de expressão, mas como muleta e artifício, são componentes que vêm gerando uma ilustração de livros para crianças absolutamente igual, independentemente de nacionalidade ou individualidade. Isto é muito visível quando analisamos os catálogos das editoras, sejam francesas, italianas, espanholas ou brasileiras. Esta padronização advém, no meu entendimento, da utilização não criteriosa da chamada arte contemporânea de galerias, da excessiva presença do *design*, da computação gráfica apelativa e maneirista e da utilização de outros gêneros citados antes, que não representam a arte da ilustração.

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO ILUSTRADOR

O resgate da grande tradição da pintura do Ocidente – ou seja, a educação cultural e sensível do olhar das crianças e do jovem, este elo com o necessário conhecimento do passado e seus desdobramentos

A própria tradição do conceito de original também representa uma das grandes diferenças entre a ilustração e a pintura. O ilustrador, ao contrário do pintor, elabora conceitual e tecnicamente seu trabalho para ser reproduzido.

no presente – pode ser representado, em nossos dias, pelos grandes ilustradores de livros. Quem ilustra para crianças não deve se considerar um Orfeu, ou seja, alguém que cai em perdição se olhar para trás. Vivemos numa época de uma arte sem ofício. Atualmente, muitas escolas e institutos de



Uma história de amor sem palavras (OLIVEIRA, R., 2009)

Imagem: Editora Nova Fronteira

arte ensinam – paradoxalmente de forma acadêmica – como ser um artista de vanguarda, uma artista conceitual, expurgando as etapas de sua gradual formação. O fazer e o aprendizado são vistos como algo físico e enfadonho. Uma posição que, curiosamente, remete-nos à antiga Grécia, quando os homens livres, letrados e cultos viam o trabalho braçal como algo unicamente destinado aos escravos.

Como dizia Jean Cocteau (1889-1963), e esta sua frase é atualíssima, “um artista não queima etapas”. Quando um jovem é compulsoriamente ensinado a ser abstrato, ou a fazer instalações, essa aparente contemporaneidade, por mais paradoxal que seja a comparação, exuma a atuação do grande historiador e teórico de arte alemão Winckelmann (1717-1768) que preconizava o primado da antiguidade clássica e dos modelos greco-romanos aos artistas. Mas, diferente do neoclassicismo que ele anunciava ante ao Romantismo, esse passado não existe atualmente, é apenas um dogma, um catecismo da modernidade, um messianismo do que seja contemporâneo.

A responsabilidade da imagem de um livro que chega às mãos de milhões de crianças por meio das compras governamentais deve ser cada vez mais criteriosa, porque são elas – as imagens – que iniciam verdadeiramente as crianças às artes plásticas.

Bartô, o Cavaleiro das Sete Luas

Rui de Oliveira

Acredito que os poetas – e é a própria história da literatura que nos diz – representam, mais do que qualquer outra linguagem artística, a alma de um povo, de uma nação. Eles corporificam as civilizações, os grandes feitos e tragédias dos homens. Originalmente associada à música, a poesia é a voz autêntica e canora das sociedades e dos idiomas – seu momento máximo de expressão e beleza. Nenhum país se forma sem seus poetas. Assim foi Homero para os gregos, Milton para os ingleses, Whitman para os americanos, Camões para os portugueses, Pushkin para os russos. A multifacetada alma brasileira, nós a encontraremos uníssona,

homogênea em sua diversidade na poesia de Gregório de Mattos, Gonçalves Dias, Castro Alves, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, todos estes, e muitos outros, compõem o mosaico de nossa alma. Esta é a introdução que gostaria de fazer para falar da poesia de Bartolomeu Campos de Queirós, até pelo fato de sua prosa ser elaborada, a meu ver, em forma poética.

Conheci o Bartô – como nós o chamávamos – no início dos anos 1980. Um mineiro de alma de menino, sorriso discreto e afável trato com as pessoas. Existe um texto em que ele afirma que escrever é dividir-se. Talvez essa

seja a essência de sua literatura, e da verdadeira arte, ou seja, dividir, compartilhar com as pessoas.

Sempre procurei uma explicação sobre a origem do talento mineiro para a literatura. A que encontrei não tem nenhum fundamento científico. A resposta para o enigma está implícita em um quadro de Guignard – um poeta da pintura, um Fra Angélico de Minas. É uma “Paisagem Imaginante”, onde as igrejas parecem flutuar no topo das montanhas, também enevoadas. Ali está o gênio mineiro para a literatura. A união do céu com a terra. Ali está a poesia de meu querido e velho amigo Bartô.

Referenciando apenas à pintura, é perfeitamente possível mostrar, por meio da diversificada e criativa ilustração de livros infantis, a compreensão da pintura de Rembrandt, à de Lucien Freud (1922), de William Blake (1757-1827) à Francis Bacon (1909-1992), do gestual das pinturas de Wlaminck (1876-1958) e Vrubel (1856-1910), ao equilíbrio de desenho e cor de um mestre como Euan Uglow (1932). Ante o vazio e a renúncia do ato e do aprendizado do desenho e da pintura, a ilustração

pode resgatar este elo de Rafael (1483-1520) a De Kooning (1904-1997), de Ingres (1780-1867) à maravilhosa abstração de Rothko (1903-1970). Em suma, a imagem narrativa nos livros pode e deve iniciar o olhar de nossos jovens ao cinema, à arquitetura, à escultura, fomentando assim uma visão mais crítica a toda a brutalidade e vulgaridade da imagem que os cerca. Não apenas para verem o mundo melhor, mas para transformá-lo, com sua cultura e discernimento crítico. ●



Rui de Oliveira é doutor em Comunicação Visual e Design e professor na Escola de Belas Artes da UFRJ. Autor do livro *Pelos jardins Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens*, ganhador do Prêmio Cecília Meireles, da FNLIJ, em 2009.

Foto: arquivo pessoal.

SÓ EXISTE UM TEMPO: O TEMPO VIVO

Ruth Silviano Brandão

Quando Bartolomeu lançou seu *O livro de Ana*, escreveu uma dedicatória para mim: “Ruth, eu gosto cada vez mais de tê-la perto de mim.” E eu também gostava de tê-lo perto de mim, em seus livros e na Livraria Quixote, onde seus amigos se reuniam, aos sábados, para estar com ele. Agora que acabo de reler seu *O livro de Ana*, sublinhei uma frase-verso do escritor-poeta e o reencontrei nela, cheguei a ver seus anjos que voam acendendo estrelas. Os anjos voam e cantam e sua canção é leve, acompanhada de flauta, violino e cítara, ele, o poeta, revela. De novo, encantei-me com a imagem dos anjos e com Ana, a leitora, que sabia ler com emoção e contou a Bartolomeu que, “ao ler, também se vê e se escuta”. Compreendi que essa hora é sagrada e pensei como Maria teve em sua mãe uma professora que lia e se fazia escutar. E Maria deve ter aprendido tudo, ao som dessa voz.

Há mãe e madrasta na obra de meu amigo escritor, figuras femininas positivas e negativas, como em um conto de fadas ou no conto de fadas que é nossa vida, e na vida dos escritores que recorrem a histórias alheias, por meio da memória que têm de livros de outros autores, pois sabem que sempre recorreremos a nossas leituras, com as quais dialogamos, nesse espaço ímpar que é a literatura. Escutamos as vozes desses amigos na letra, que também habitam nossas letras, pois ninguém acredita mais na lenda da originalidade absoluta. E essa verdade nos possibilita recriar nosso mapa-múndi, descentrarmos

nossa visão das coisas deste mundo, ele mesmo em movimento constante.

Também amigo de Bartolomeu, João Paulo Gonçalves da Costa me enviou este depoimento recebido de uma amiga que tem em comum com o escritor. Se alguém achar que plagiei o autor de *O livro de Ana*, fico até orgulhosa, mas não plagiei. Quer dizer apenas que somos almas fraternas no espaço da escrita. Leiamos juntos:

Desconheço liberdade maior e mais duradoura do que esta do leitor ceder-se à escrita do outro, inscrevendo-se entre as suas palavras e os seus silêncios. Texto e leitor ultrapassam a solidão individual para se enlaçarem pelas interações. Esse abraço a partir do texto é soma das diferenças, movida pela emoção, estabelecendo um encontro fraterno e possível entre leitor e escritor. Cabe ao escritor estirar sua fantasia para, assim, o leitor projetar seus sonhos. As palavras são portas e janelas. Se debruçamos e reparamos, nos inscrevemos na paisagem. Se destrancamos as portas, o enredo do universo nos visita. Ler é somar-se ao mundo, é iluminar-se com

a claridade do já decifrado. Escrever é dividir-se.

Ler é somar-se, afirma o poeta; escrever é dividir-se. Entretanto, interferindo em sua matemática, acredito que escrever também é somar-se, pois, transitando por outras escritas, ficamos ricos de ver o mundo. Escrever e ler são atos tão entrelaçados que acabam por não se separarem, já ensinava Roland Barthes, com outras palavras. Quem assim se volta para o mundo nem precisa conversar muito, como o próprio Bartolomeu, que era silencioso. Mas não nos iludamos, seu silêncio gerava palavras que se multiplicavam em poesia e em uma sabedoria de vida que não o paralisou, mas o fez criar uma terceira história. Toda história, toda criação é uma terceira via, uma terceira margem do sentido, uma saída para nossa humanidade, cuja fragilidade ele conhecia:

Acredito que ler é configurar uma terceira história, construída parceiramente a partir do impulso
movedor contido na fragilidade humana, quando dela se toma posse. A fragilidade que funda o homem é
a mesma que o inaugura, mas só a palavra anuncia.

(Trecho de manuscrito cedido pelo autor)

Tomar posse da fragilidade é conviver com ela, é fazer dela uma força criativa, colocá-la em movimento para estabelecer uma fundação: a fundação ou constituição do homem, como sujeito de seu desejo, que vai anunciá-lo pela escrita. A força da palavra já está na memória do menino, que viu o avô escrevendo nas paredes de sua casa, fato contado no livro *Por parte de pai* (QUEIRÓS, 1995, p. 10-11). “Todo acontecimento da cidade, da casa, da casa do vizinho, meu avô escrevia nas paredes. Quem casou, morreu, fugiu, caiu, traiu, comprou, juntou, chegou, partiu. Coisas simples como a agulha perdida no buraco do assoalho, ele escrevia.”

A escrita do avô lembra aquelas escritas antigas de listas, que adicionam pequenos fatos e que são registros da vida, formas de marcar, manter a memória viva, para não deixar que a vida morra, que o esquecimento cubra, como pó, os traços de cada sujeito, de cada experiência. Dessa maneira, o avô

**Ler é somar-se, afirma o poeta;
escrever é dividir-se. Entretanto,
interferindo em sua matemática,
acredito que escrever também é
somar-se, pois, transitando
por outras escritas, ficamos
ricos de ver o mundo.**

ensinava, deixava uma herança, uma lembrança do vivido, pois sabia que a vida não quer morrer. O menino Bartolomeu ensinou ao poeta Bartolomeu, que se alimentou dessas letras inscritas que se juntaram e se escreveram em seu coração.

Escrever é inscrever-se, que seja em papéis, muros, pinturas, paredes de uma casa, da casa de uma família, o que a torna uma casa escrita, uma casa-memória, uma casa depoimento daquilo que viveram seus membros e que ficou na alma da criança já escritor, já poeta, esse neto das letras, que foi afinando sua escrita, que nasceu cedo, que nasceu com ele, mas também que se construiu em parte com o pai, *Por parte de pai*.

Assim, de novo, aprendemos que ler e escrever se enlaçam, se abraçam, se usamos a imagem do poeta, este que nos trouxe o livro de Ana, mesmo sem o ter lido, como confessa na abertura de seu texto: “Jamais li o livro de Ana/mas se fico atento ao mundo e sua festa,/posso adivinhar a escritura.” Adivinhar a escritura, ir atrás do sentido, é dar sentido, é reescrever o livro de Ana, sem pensar no que

vem antes ou depois, assim a poesia escreve, sem obedecer às regras banais do ato de escrever. O sentido não está pronto, se tece pelo leitor que já o tem na memória, na imaginação que se construiu sobre ele, se é atento ao mundo e sua festa, em que tudo já preexiste. Ler o livro é ler o mundo, mundo se torna livro, parece afirmar o escritor-poeta.

O livro de Ana tem ilustrações que são sinais, rabiscos, figuras de um artista que desenha o mundo e capta seus sinais: Marconi Drummond traduziu o autor e deixou mínimas formigas marcharem em filas retas, em curvas, letras *m*, também em fila, talvez atrás de outras letras, desenhos de homens, páginas azuis, negras, brancas onde há começos e fins de criação: os homens e os animais. Redemoinhos azuis, tudo se criando, desde o firmamento até a lua, e o vento soprando o sol amarelo. O livro fala de cores e música e, pela escrita, conta a história das coisas grandes e pequenas, fazendo o leitor ver as letras se juntarem criando a escrita, recriando o início das coisas, onde só havia vazio.

O tempo de Bartolomeu é outro, diferente dos teóricos. O dele corre, para, muda e mantém as coisas, mesmo que elas brotem e murchem, de forma diferente nos homens, nos bichos, nas borboletas...

O avô escrevinhador e Ana, aquela que ensina a filha a conhecer o mundo desde sua origem, juntam-se no tempo, para exercer o ofício de ler e escrever o impossível de separar. A casa escrita do avô e o grande mundo da mãe são formas de saber que há dois espaços, o infinitamente pequeno e o infinitamente grande, se tentarmos, sem conseguir, compararmos um ao outro. Desses espaços, desse infinito, Bartolomeu escreve e faz sua escrita oscilar

em dimensões que cada criança lê em seus livros. Diante disso, não caímos na questão da literatura infantil, juvenil ou adulta, em que a obra do escritor não se reduz. Destaco a epígrafe do livro *Tempo de voo*: “Só existe um tempo: o tempo vivo.”

Volto a essa obra, pois gosto do voo, de ovo, de passarinho e de pensar sobre o tempo. Lembro-me de que Bartolomeu já não tinha tanto tempo para viver, quando escreveu esse livro, mas foi capaz de fazer seu personagem dizer que “...cada um descobre se o tempo tem coração. Mas, se tem, traz amor e não o medo./ – Você tem medo do tempo?/ – Depende. Em dias de alegria, eu tenho; em dias de dor, não”.

Não é o tempo cronológico que vai dizer quanto tempo temos, pois, diz ele, na epígrafe que citei: “Só existe um tempo: o tempo vivo”, o tempo da escrita permanece, mais ainda se é a escrita de um poeta.

Na poesia, o tempo e o espaço têm outra medida e não podem ser contados por nossas tentativas de tudo colocar na dimensão cronológica, esta eterna busca de medir o que não cabe nesses parâmetros. O tempo poético mantém o corpo vivo do poeta, mantém sua voz em nossa memória de leitores amorosos, não só os leitores infantis, mas todos nós, já que a escrita, mais ainda a poética, muda o tempo.

O tempo de Bartolomeu é outro, diferente dos teóricos. O dele corre, para, muda e mantém as coisas, mesmo que elas brotem e murchem, de forma diferente nos homens, nos bichos, nas borboletas, pois o tempo “é um fio inteiro, frágil, sem começo ou fim. Não tem pontas. Impossível encontrar o início do tempo”.

Não quero ser teórica aqui, no fio desta escrita, pois a especulação é um limite filosófico e estou tentando falar da poesia, esse espaço rebelde a classificações e, pelo que conheci do poeta, acredito que não estou sendo infiel a suas posições diante de sua escrita que aprendi a amar, lendo-a e ouvindo-o

falar, sem compromisso, em conversações em que pude escutá-lo, considerando-me sua amiga, já que tive a alegria de ser incluída em seu círculo de escritores fraternos que dividiam a poesia, livremente deixando-a falar, fora do âmbito universitário, onde me formei e, como Ana, ensinei.

Quando me aposentei, desejei outros contatos, contatos diferentes daqueles a que me acostumei por ofício e, assim, conheci melhor o escritor, este que eu já conhecia e amava, mas de maneira diferente. E foi tudo mesmo uma festa, não de alarido, mas, muitas vezes, uma festa de silêncio, pois a poesia não precisa de muito barulho, este que o convívio social confunde com alegria. A festa de que falo me lembrou aquela a que o poeta se refere no início de *O livro de Ana*: “jamais li *O livro de Ana*, mas fico atento ao mundo e sua festa”.

Minha festa foi a de me chegar aos amigos de Bartolomeu, aqueles mais íntimos ou aqueles menos íntimos, que se reuniam em várias ocasiões para uma festa poética, que acontecia, algumas vezes, na porta da Livraria Quixote; outras vezes, em outros lugares, em outras casas escritas ou pintadas.

No fim de *O livro de Ana*, na nota sobre o autor, pode-se ler: “Bartolomeu só faz o que gosta, não cumpre compromissos sociais nem tarefas que não lhe pareçam substanciais.” A roda dos amigos de Bartolomeu não se reunia em tediosos compromissos sociais, pois esta sociedade era constituída pela causa da poesia. No entanto, não se falava apenas de poesia. Havia também conversas com fio partido, fios que se entrelaçavam e faziam outros fios, outros tecidos meio esburacados, com ruídos, música, silêncios. Em um especial diálogo que não queríamos que terminasse.

Retomo o *Tempo de voo* e, novamente, encanto-me com as ilustrações do artista espanhol Alfonso

Ruano, que desenha um tempo surrealista, com toques de Dalí e Gaudí, em que os olhos têm rodas e pássaros, ninhos, asas de borboletas, carretéis que se enrolam, desenrolam, envolvendo homens e pequenas coisas, que não são sem importância, pois criam um espaço-tempo livre e solto de nossas exigências lógicas de ordem, que às vezes nos amordaçam e nos prendem em armaduras fixas.

Neste livro, o tempo é personagem que desorganiza e despenteia o mundo. É mestre da vida, não no sentido histórico que pretende nos dar lições de bom-senso e previsibilidade. É o tempo da banda de Moebius,

É curiosa a história dessa biblioteca que, em grande medida, deve a sua fundação a um dos maiores conquistadores da Antiguidade.

do dentro e do fora, do oito deitado ou do infinito. O tempo do aberto que não se fecha na completude que ansiamos, sem saber que ela nos sufoca e impede o lúdico que está na poesia, que está na voz do narrador. Pai? avô? *Por parte de pai*, por parte de pai.

Ou no avô de olho de vidro? Não importa, pois ficção e fatos se enovelam e o leitor não pode e não quer decidir o que é verdade ou ficção. Sabemos, entretanto, com certeza, o que a ficção nos dá:

Ao ficar com meu avô eu me sentia apenas um menino em seus olhos. Se alguém nos olha, nos multiplica. Passamos a ser dois. Somo duas meninas dos olhos. Mas no olhar de meu avô eu só podia ser um. E ser dois é ter um companheiro para aventurar, outro irmão para as errâncias. Assim, é sempre possível jogar nossa culpa no outro. E ele desculpa sempre. Há sempre um outro escondido dentro de nós que nos vigia em silêncio.

Só aqueles que possuem um olhar de vidro não refletem isso. Meu avô me reduzia, me fazia solitário. Eu me sentia único, órfão, sem porto para saídas (QUEIRÓS, 2004, p. 6-7).

Este menino é o mesmo que visitava o avô do livro *Por parte de pai?* De alguma forma, sim, é o próprio, pois o menino Bartolomeu o guardou em sua poesia, assim como guardou todos os meninos curiosos, como ele foi. Continuou a fazer perguntas, como os meninos que ficam ouvindo e perguntando e os adultos sempre respondendo. O menino que faz perguntas, ouve, espanta-se e se maravilha é ele e, seus leitores aprenderam, também todos os meninos que visitam o avô. E ele tinha uma vantagem que deu a seus meninos leitores: a casa-escrita do

O olhar, as cores, a escrita se entrelaçam, no universo da escrita de Bartolomeu, numa magia sinestésica.

avô escrevinhador. O menino continuou no homem que não esqueceu a infância, presente em *O livro de Ana*, em *O tempo de voo*, que está aqui neste pequeno texto escrito sobre o menino-poeta.

Menino, que é Pedro, com “o coração cheio de domingo”. Pedro, “que é um nome que a gente conhece em muitas línguas: Pedro, Pierre, Pietro, Peter, Pether, Petrus”, Pedrinhos, de todo o mundo, digo eu leitora, Pedrinhos que amam as cores das borboletas que voejam em outros livros: do neto do avô e do narrador. As borboletas encheram o livro desses Pedros, com as ilustrações de Sara Ávila, que soube pintar cores em preto e cinza, mas fez o leitor vê-las em seus múltiplos tons.

O escritor-poeta era sensível à arte do olhar, aprendia a olhar com os artistas plásticos que, por sua vez, aprendiam com ele. No catálogo de uma exposição de Ana Amélia Diniz Camargos, em Belo

Horizonte, ele revela como a artista via o mundo e admirava as pequenas coisas, aquelas que nossos olhos do senso comum não veem, as efêmeras, mas vitais. As coisas da natureza. Assim, sublinha como o rio atravessa a vida da artista, ensinando-lhe a arte da navegação e mostra de que maneira ela “aprendeu com a correnteza, e quando ainda criança, a transformar em musgo o lodo”.

Sobre outra artista, Marina Nazareth, a pintora das montanhas de Minas, em sua exposição de 2011, o artigo do escritor-crítico se inicia afirmando que “o mundo será sempre um imenso livro sem texto, cabendo a nós legendá-lo”, para, em seguida, mais adiante, mostrar como, “sem pressa, a artista se detém, longamente, sobre cada paisagem deste imenso livro sem texto”.

O olhar, as cores, a escrita se entrelaçam, no universo da escrita de Bartolomeu, numa magia sinestésica, que ele encontrava na vida e na arte dos pintores, seus companheiros de ver as cores, ver o mundo e o representar em sua arte. Sua pintura. Sua escrita.

Viajei por seus livros, revisei-o, sem preocupação lógica e cronológica, deixando-me passear pelo tempo poético, por suas veredas floridas, cheias de borboletas que saíram do livro de Pedro, e vi que estou perto dele e que minha memória não precisa de estímulos para revê-lo.

Ele, que conheci, pela primeira vez, lendo *Cavaleiros das sete luas* e sobre este livro escrevi para um jornal de Belo Horizonte, há mais de 30 anos, e, agora, tanto tempo depois – sempre o tempo –, ainda ouço, em noites de lua cheia, os cavalos brancos, com o ruído de seus cascos, em uma marcha que não termina nunca. Ouçam comigo:

Os sete cavalos brancos
Desceram das sete luas
Sete eram os cavaleiros

com sete pares de asas
e sete espadas de prata

Como a música, a poesia, que tem a música em sua gênese, sempre pede para ser lembrada, ou melhor, não pede, não precisa pedir: a poesia vem, visita o leitor que não deseja perder o poeta, vindo-o de novo em lugares que frequentava, nas pessoas que o cercavam, nos amigos que o amavam.

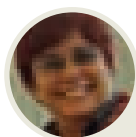
Por isso nunca deixei de ouvir os sons que o anunciam, e meus sentidos se abrem em uma festa de música, cores e palavras, fazendo-me voltar ao poeta, este, que não morrerá nunca, devido ao encanto de suas palavras. Assim, seu avô não morreu nunca, para quem leu seus rabiscos nas paredes da casa-escrita, da escrita do livro do neto. Esse avô grafiteiro fez suas marcas em inscrições, escavações nas paredes, documentarista das histórias da cidade. Linhas escritas puxadas pelo neto e guardadas como herança poética, mais rica do que todos os bens e riquezas materiais.

Será que poesia se herda? Não sei, só sei que os caminhos poéticos são diferentes dos mortais comuns, como os nossos. Entretanto somos leitores, atravessados pelas veredas escritas, que nos escavam, que nos riscam e rabiscam, deixando-nos para sempre habitados pelas linhas, pelos fios que se abraçam e entrelaçam e vencem o tempo. Disso Bartolomeu sabia. E ensinava, como Ana, como o avô, como o narrador, mestre do menino perguntador, que queria saber sobre a substância fugidia do tempo e que desejou captá-lo, até saber que o carretel da linha, do fio, “é um fio inteiro, fio frágil, sem começo ou

fim. Não tem pontas. Impossível encontrar o início do tempo”.

Ficamos sabendo que o tempo, e mais ainda o tempo poético, amarra tudo, pois “ele conhece as formigas, as lesmas, as pedras. Sabe do Ocidente e do Oriente, do Norte e do Sul”. E sabe dos poetas e desse poeta-menino que cresceu, mas não perdeu a infância, sempre revisitada na casa escrita do avô, que lê, com Maria, *O livro de Ana*. Lê e relê, até reescrevê-lo, com suas palavras, tornando a escrita sua escrita, pois aos poetas, nem sempre as palavras vêm facilmente e o árduo ofício da escrita se faz a duras penas. E as palavras ficam, e de novo ecoam em outros meninos que serão ou já nasceram poetas, aprendendo a captá-las, no tempo da escrita, para fazer com que a beleza não seja tão fugidia como o tempo comum que nos assola. A beleza, sabemos com Bartolomeu, tem a substância do tempo, e, em seu fulgor, deixa-se capturar, mesmo que seja em um átimo, por esses sujeitos privilegiados que são os poetas, guardadores de verdades, às vezes perigosas, que ameaçam os vãos saberes de cada tempo.

Vou lembrar-me sempre dele, sentado, de um jeito assim só seu, quando conversava e ouvia seus leitores, amigos e amigos-leitores. Assim como sua também amiga e leitora Sandra Bianchi, artista plástica que o representou em uma aquarela pouco antes da morte do poeta. Sentado, abraçando as pernas, com seu meio sorriso, sua postura de quem pacificamente olha o mundo, ele, de forma contemplativa, parece lançar seu olhar para longe. ●



Ruth Silvano Brandão é escritora, com romances, contos e outras obras publicadas. Formada em Letras, fez pós-doutorado em Literatura Comparada na Universidade de Paris XIII. Atualmente, leciona como professora visitante sênior na UFOP.

Foto: arquivo pessoal.

PLENA

Francisco Gregório Filho

Fui feito para pensar além do devido.
Bartolomeu Campos Queirós

Inteira. Completude. Totalidade. Uma amiga tem me ensinado a descobrir sentidos para a palavra plenitude, disse-me Bartolomeu, dando início à arrumação do prato com a comida que lhe era servida. Tínhamos combinado de almoçar juntos naquele dia de dezembro de 2011, no Centro da cidade.

Trabalho no Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, da Fundação Biblioteca Nacional, que funciona no 11º andar do Palácio Gustavo Capanema, antigo Ministério da Educação, no Rio de Janeiro, prédio que é marco da arquitetura moderna no Brasil.

Desci para encontrar Bartolomeu no hall, ao pé da escada que ele acabara de descer após visitar a mostra “Rio São Francisco: um rio brasileiro”, de Ronaldo Fraga, exibida no Salão Portinari. Percebi meu amigo com a respiração ofegante, mas animado para o almoço. Após alguns comentários sobre a exposição que visivelmente o impressionou, ele disfarçou a emoção e sugeriu: “ando com vontade de comer ovo frito. Estou proibido de tal desejo, mas vamos cometer uma insubordinação e comer ovo frito!”.

Fomos então até a esquina das ruas Graça Aranha com a Araújo Porto Alegre, no restaurante Itahy. No cardápio, a lista de pratos do dia incluía churrasco,

com arroz, feijão, batata frita e ovo de acompanhamentos. Pedimos o churrasquinho completo, ainda que sem a carne! Pouco depois chegaram os pratos tal como solicitados: arroz, batata frita, uma folha de alface com uma rodela de tomate, o ovo frito por cima do arroz e, acompanhando, uma tigelinha de feijão quentinho. Bartolomeu ainda deu uma arrumadinha no prato, afastando a alface e o tomate, ajeitou o feijão e furou a gema do ovo com a ponta da faca.

Um inevitável comentário meu sobre a rodela de tomate fez com que Bartolomeu respirasse mais prolongadamente e expressasse certa satisfação com relação à repercussão que seu livro *Vermelho amargo* vinha merecendo dos leitores e da mídia. “Os editores de literatura infantojuvenil”, disse ele, “pediram para eu esmiuçar as histórias para leitura das crianças e dos jovens. Aí então resolvi esmiuçar o *Vermelho amargo* para a leitura dos adultos!”

Em outra mesa sentaram-se uma moça e dois rapazes. Assim que reconheceu que ali estava Bartolomeu, a moça fez um comentário com seus amigos e se levantou para cumprimentar o autor:

“Parabéns, sou sua leitora. Estou arrebatada com seu último livro”, referindo-se àquele de que acabávamos de falar. “Já li e reli algumas vezes e agora emprestei para um amigo. Tenho uma madrasta como aquela. Coitada, está viúva, meu pai morreu há pouco mais de um mês.”

Bartolomeu agradeceu o movimento da moça e acenou para os rapazes, que o olhavam lá da mesa. Com o retorno da moça ao seu lugar e depois de algum silêncio, perguntei:

– Bartô, você gosta disso?

– Gosto, mas sempre me surpreendo.

Nesse momento, o garçom se aproximou e indagou se queríamos algo mais, ou uma sobremesa como pudim de leite. Bartolomeu rapidamente respondeu: “estou pleno!” Pagamos nosso almoço e fomos tomar um café em um bistrô que funciona no Centro Cultural da Justiça Federal, ali perto, na Avenida Rio Branco.

Inspirado como nunca, Bartolomeu contou muitas piadas, fazendo até a barista sorrir por detrás do balcão, mas saímos apressados porque ele precisava fumar um cigarro. Na rua, fumando devagar, falou-me dos dois livros que estava escrevendo por conta de promessas a amigas editoras. No entanto, não me disse o nome da amiga que estava a lhe ensinar a pronunciar a palavra “plena”. Despediu-se de mim com um forte abraço e um até breve, deixando-me com um sentimento de que ele realmente experienciava essa plenitude, que vivia um momento de grande satisfação na vida.

Conheci Bartolomeu em um jantar na casa de amigos, lá pelos idos da primeira metade da década de 1980. Já tinha lido, com o encantamento de um leitor pego de surpresa, seu livro *O peixe e o pássaro*. Lembro-me que perto daquela ocasião tinha recebido a confirmação de ser portador da doença de Crohn, cujas crises muitas vezes estão associadas a fatores emocionais. Ao comentar sobre isso durante o encontro, Bartolomeu me aconselhou a passar uma temporada em um sítio e observar a indiferença das galinhas, comportamento que, segundo ele, instigava-o muito e do qual era um apreciador. Tempos depois, atendi a sua recomendação e fui passar uns dias em um sítio onde se criavam galinhas.

Aquela noite em Botafogo me fez conhecer uma pessoa sedutora e extremamente encantadora. Isso depois de me sentir completamente surpreso com seus comentários cortantes e suas impressões sobre a educação e as políticas públicas do Brasil. Saí desse encontro zozinho e muito mexido com a intensa noite de aprendizado sobre leitura e poesia.

Ao deixar a casa de meus amigos, atravessei o portão do prédio em estado de graça. Perambulei meio sem rumo pelas ruas do bairro e, quando percebi, estava a olhar o espelho d’água da Baía de Guanabara. Ali, na ponta da Enseada de Botafogo, lugar eleito por mim como o mais bonito do Rio de Janeiro, lembro

Inspirado como nunca,
Bartolomeu contou muitas piadas,
fazendo até a barista sorrir por
detrás do balcão, mas saímos
apressados porque ele precisava
fumar um cigarro.

que me veio à memória um trecho do livro pelo qual tive meu primeiro contato com Bartolomeu: “O Fim – Escurece no céu e o escuro se reflete nas águas. Não vejo mais o peixe nem o pássaro. Volto no dia seguinte aos meus compromissos e penso: peixe e pássaro vivem pouco mas vivem muito num dia só” (QUEIRÓS, 1974).

Peço licença aos amigos leitores para sublinhar aqui parte do texto da querida e saudosa professora Henriqueta Lisboa, amiga de Bartolomeu, que está na quarta capa do livro *O peixe e o pássaro*:

Não é ele somente um educador que sabe distinguir, através de estudos filosóficos, pesquisas estéticas e experiência pessoal no

seu campo de atividade, o valor da arte no processo educativo. Ele é também um poeta – aquele que mergulha nas águas profundas da preexistência e da inocência, o que aporta à ilha onde todas as cousas se tornam maravilhosamente possíveis; o que acabou descobrindo o segredo da simplicidade.

Muitas vezes repeti a Bartolomeu que gostaria de ter escrito essas palavras sobre ele, ao que ele respondia, rindo: consegue não!

Nos idos de 1990 fui convidado a integrar a equipe que viria a organizar o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler), da Fundação Biblioteca Nacional. A partir daí meu convívio com Bartolomeu foi mais frequente e intenso. Viajávamos muito em grupo, percorremos mais de 600 municípios das

A equipe do Proler, formada por especialistas com as mais diferentes formações, era toda fã ardorosa do Bartô, militante incansável no convencimento das autoridades acerca da importância da leitura, na constituição de acervos de literatura e sua dinamização junto a professores e bibliotecários.

diferentes regiões do país. A equipe do Proler, formada por especialistas com as mais diferentes formações, era toda fã ardorosa do Bartô, militante incansável no convencimento das autoridades acerca da importância da leitura, na constituição de acervos de literatura e sua dinamização junto a professores e bibliotecários.

Bartolomeu passou então a frequentar a Casa da Leitura, sede do Programa, de forma assídua e trazendo suas boas energias. Participou de oficinas, encontros e simpósios e contribuiu efetivamente para implantar o Proler.

Certa vez, estávamos todos hospedados em um dos melhores hotéis de Rio Branco, no Acre, e no nosso primeiro jantar fomos alertados por ele de que os pratos servidos no restaurante eram grandes demais e davam fartamente para duas pessoas. “A leitura contra o desperdício”, brincava ele pelos corredores do hotel, provocando-nos à crítica saudável e estimulando em nós, nem sempre pelos caminhos mais simples, a solidariedade e o compromisso com o que acreditávamos. Assim era Bartolomeu, no seu jeito meio desconcertante, a provocar no outro aquilo que cada um tinha de especial, de mais comprometido com a vida e com o conhecimento.

Bartolomeu tinha gosto pelas caminhadas, pelas visitas vespertinas aos mercados públicos e feiras. Nos hotéis, fui acordado em muitas madrugadas por ele batendo à porta para sairmos para tomar um café, caminhar pelas feiras e observar a vida dos lugares. Aprendi com Bartô que esse era o melhor jeito de conhecer e entender as cidades e seus habitantes.

Uma vez, em Santos, aconteceu algo muito forte enquanto participávamos de um seminário. A programação incluía a visita a uma escola noturna onde Bartolomeu falaria aos jovens alunos sobre leitura e escrita. Os professores e a direção capricharam na organização, com lanche servido com café e bolo. Tudo pronto, mas uma plateia constituída de jovens moradores de uma comunidade próxima não deixou Bartolomeu falar, cantando e gritando sem parar. Insistimos, mas todas as vezes em que Bartolomeu, com sua voz mansa, tentava começar, os meninos também iniciavam seu rock, levantavam pôsteres e

gritavam palavras de ordem. Depois soubemos que aquilo era uma represália por medidas tomadas pela direção da escola.

Voltamos para o hotel sem conseguirmos realizar o trabalho, e Bartô se manteve em profundo silêncio. No dia seguinte, já falando para as autoridades municipais e professores da cidade, tive o privilégio de ouvir uma de suas mais belas e contundentes reflexões sobre leitura, escrita e cidadania. O auditório, entre perplexo e surpreso, aplaudiu sem parar a um discurso cortante e ao mesmo tempo poético sobre a responsabilidade e o compromisso daquele grupo com aqueles meninos. “Lavei a alma”, disse-me ele depois.

Até 1996, quando o Proler sofreu grandes revezes, desfrutamos do privilégio de tê-lo por perto com suas observações sagazes, experiência e capacidade de trabalho na construção de um país leitor. Pelo Brasil afora tínhamos sempre a certeza do sucesso e da repercussão das palestras de Bartolomeu. Com sua fala mansa e pausada, aprofundava questões sobre a educação e a leitura, verdadeiros cursos sobre o exercício da cidadania, sublinhando de forma contundente a importância das políticas públicas que dessem relevo à leitura. Voz necessária que permanecerá sempre com os que trabalham nessa área.

Seguimos todos outros caminhos. O meu continuou de forma mais independente, realizando em outros espaços oficinas de práticas leitoras e contação de histórias. Bartolomeu continuou a ser uma referência fundamental no meu trabalho e, sempre que possível, lá estava ele, de forma presente ou por intermédio de seus textos, que, instigantes e provocativos, ajudaram-me na preparação de novos agentes de leitura. Educadores, profissionais de cultura, estudantes, no contato com sua obra, passaram a ser leitores apaixonados e comprometidos.

Gosto de ler e reler sempre a obra de Bartolomeu. Tenho um convívio quase permanente com seus livros. Folheio suas dedicatórias que carinhosamente escreveu-me, mas, de sua obra, os livros que mais me arrebataram foram *Indez* e *Por parte de pai*. Talvez alguma relação aqui e ali com minha his-

Pelo Brasil afora tínhamos sempre a certeza do sucesso e da repercussão das palestras de Bartolomeu. Com sua fala mansa e pausada, aprofundava questões sobre a educação e a leitura, verdadeiros cursos sobre o exercício da cidadania, sublinhando de forma contundente a importância das políticas públicas que dessem relevo à leitura. Voz necessária que permanecerá sempre com os que trabalham nessa área.

tória de vida. São meus preferidos e companheiros de viagem. Sempre em minha pasta, volta e meia são sacados para compor um raciocínio ou completar um assunto em que estou trabalhando.

Há leituras assim para cada um de nós. Leituras que acordam dentro de nossos sentimentos e memórias longínquas, realizando a “conquista de um tempo que não retorna, a não ser pela magia da literatura”, conforme as palavras de Yeda Bernis na quarta capa de *Por parte de pai*.

Aliás, até a sonoridade de sua voz sempre me é presente, especialmente pronunciando uma expressão que se registrou em mim profundamente: “Gregório, é longe! Looonge, muito loooonge, Gregório!”.

Em dezembro, quando almoçamos juntos, Bartolomeu falou do desejo de rever amigos dos quais sentia saudades. Perguntou de Dolores [a educadora Maria Dolores Coni Campos] e ainda me confidenciou: “Gregório, estou com uma saudade imensa da Ebe,

Nas duas últimas vezes em que encontrei Bartolomeu, demonstrou desejo também de encontrar seus livros entre os acervos das bibliotecas públicas. “Gregório, você acha que, se um leitor pedir para ler um de meus livros na Biblioteca Nacional, terá alguma chance?”

querida professora de Goiás Velho [em Goiás], lembra dela? Uma moça bonita, mãe de uma penca de meninos? E o Sílvio [Carvalho, professor e músico baiano], por onde anda? Sinto saudade de suas cantorias.” Queria também rever Marilu [Maria Luiza de Almeida, especialista em leitura] e tantos outros amigos que ficamos por um bom tempo lembrando. “Gregório, temos que reunir as pessoas queridas! Não podemos nos dispersar. Precisamos todos dessa energia e dessa força em torno da

literatura. Vamos pensar em um encontro afetivo lá em Minas. Vamos convidar todo mundo!”

Nas duas últimas vezes em que encontrei Bartolomeu, demonstrou desejo também de encontrar seus livros entre os acervos das bibliotecas públicas. “Gregório, você acha que, se um leitor pedir para ler um de meus livros na Biblioteca Nacional, terá alguma chance?” Fico me perguntando até agora por que tais questões passavam pela cabeça de Bartô...

Muitas histórias e muitos causos para contar sobre meus encontros fraternos com esse escritor que passei a conhecer como amigo, a reverenciar como escritor e poeta e que marcou muito minhas histórias pessoal e profissional.

Em um trecho de seu livro *Índex* ele previa as palavras que por ora tomo como minhas: “Não há como esquecer-lo. Mesmo se tento prestar atenção ao meu trabalho, se escrevo com caneta vermelha ou azul, se passa uma formiga ou a sombra de um voo de pássaro, se olho as nuvens ou relâmpagos, se entro em capelas ou se passeio em parques...”

Com essa saudade recente, por vezes falo como se ainda pudesse encontrá-lo num próximo seminário, numa oficina, ou mesmo num almoço de última hora. ●

Francisco Gregório Filho nasceu em Rio Branco, no Acre, e formou-se em artes cênicas. Geriu projetos culturais e foi um dos organizadores do Proler. Tem vários livros publicados, desenvolve oficinas de formação de contadores de histórias e atua no Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas.



Foto: arquivo pessoal.

Bartô

Ana Maria Machado

Minha vida começou a se cruzar com a do Bartolomeu no início dos anos 1970, quando fizemos parte (com Fanny Abramovitch e outros) de um pequeno grupo de consultores que se reunia uma vez por mês no Rio, no prédio do Museu de Belas Artes, para uma consultoria de apoio sobre cultura voltada para crianças. Foram encontros muito ricos, de descobertas mútuas e fantásticas, e discussões de excelente nível sobre arte e educação, oriundas das experiências de cada um e de influências tutelares como Augusto Rodrigues, Noêmia Varela, Zoé Chagas Freitas. Que saudade! Nunca mais participei de nada semelhante. Logo fizemos uma equipe coesa, cada um atuando em uma frente, buscando as brechas possíveis no regime militar.

Depois, à medida que fomos publicando cada vez mais livros e o panorama do setor no Brasil foi se consolidando, nossos encontros passaram a ser, com frequência, em feiras, bienais, seminários, no Brasil e no exterior. Como livreira, fiz lançamentos dele na minha Malasartes. Fomos companheiros de viagens muitas vezes, descobrimos gente incrível fazendo coisas maravilhosas por este país, irritamo-nos com a pretensão e ignorância de poderosos com capacidade de emperrar tudo.

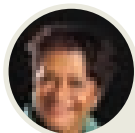
Participando de mesas-redondas lado a lado, sentíamo-nos cúmplices no impulso de não engolir certas coisas. Despertamos inimizades, mas procurávamos não deixar passar.

Curti muito ouvir palestras dele. Gostei muito de falar para plateias em que lá estava o Bartô sentado, a me aprovar com acenos de cabeça. Eu sabia que no final ele viria repetir seu mantra: “Ana, um dia você morre de lucidez.”

Adorei vê-lo receber o prêmio de Literatura Infantil na Academia Brasileira de Letras. E tive a alegria de fazer o discurso de saudação a ele, em Guadalajara, quando ganhou o Prêmio Ibero-americano de Literatura Infantil. Já então, estava com a saúde muito frágil, às voltas com diálises em um hospital mexicano, em plena viagem.

A obra dele fica, carregada de humor, poesia, senso crítico e esse nível altíssimo a que nos acostumou e os leitores adoram com toda a razão. Um lugar garantido em nossa literatura.

Mas a falta pessoal que Bartolomeu nos faz, só mesmo seus amigos podem avaliar. Não dá nem para falar nisso. Só sei que estou muito mais sozinha. ●



Ana Maria Machado é jornalista, formada em Letras. Publicou 150 livros e já foi premiada com a Medalha Hans Christian Andersen, o prêmio Machado de Assis, pela ABL, e o Casa de las Americas, em Cuba. Atualmente, é presidente da Academia Brasileira de Letras. Este texto foi originalmente publicado no jornal *Estado de Minas*, no caderno *Cultura*, em 17/01/2012.

Foto: arquivo pessoal.

Bartolomeu

Ana Amélia Diniz Camargos

Bartolomeu, como vou pedir aquela Summer na Livraria Quixote, se você não está lá para tomar comigo no mesmo copo, em comunhão?

A nossa mesa...

O maço de cigarros e a caixa de fósforos permanecem no móvel da minha sala.

Ouvi seus últimos lamentos, seu sofrimento infinito, e chorei...

Mas meu coração sentiu-se liberto quando os pássaros o transportaram às nuvens macias da nova morada.

Você levou minhas confidências. Seus segredos, guardo-os a sete chaves.

Era emocionante ver sua expressão de felicidade por coisas tão pequenas, como, por exemplo, quando, passando pela bela árvore de jambo vermelho, apainho a única fruta enorme e lhe ofereço...

Íamos para as jabuticabeiras negras de frutos maduros, o que repetíamos todos os anos.

Saciados. Sentávamos na varanda a ouvir o canto dos passarinhos, as siriemas estridentes e a brisa

fogosa da tarde que encrespa as águas do ribeirão que canta, canta...

Fazia a comida com pouquíssimo sal e você acrescentava mais... Menino levado, desobediente, e eu, mãe permissiva, fechava os olhos aos seus caprichos.

Bartolomeu tão forte, tão frágil, tão sábio. Colecionava pequenas coisas, objetos anônimos comprados nos armarinhos, nas vendas, nas feiras, até agulhas de acupuntura.

Indicava-me livros, comentava filmes. Opinava e escrevia textos belíssimos sobre meus trabalhos: pura poesia!

Sua grandeza intelectual é reconhecida por todos, mas nossa conversa era outra: intimista, dia a dia.

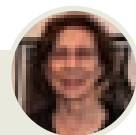
Bartolomeu, você se foi cedo, eu me vou tarde... Nós nos encontraremos aí. Essa é a única certeza. "Nascer é abrir-se em feridas."

Foi no chão da sua biblioteca que você quis passar suas últimas horas.

Bartolomeu, "até passarinho passa", mas deixa um aperto no coração, uma saudade sem fim. ●

Ana Amélia Diniz Camargos formou-se e fez pós-graduação em Artes Plásticas na Escola Guinard, em Belo Horizonte. Mineira, de Presidente Juscelino, fez várias exposições, entre as quais destacam-se a Galeria Debret, em Paris, e a Galeria de Arte da Copasa, em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Foto: arquivo pessoal.



Tarde de inverno

Fernando Brant

Na varanda do restaurante do Minas, tive a felicidade de conversar com Bartolomeu Campos de Queirós. Na verdade, pouco conversei. Ouvi e aprendi. Nós nos conhecemos socialmente, culturalmente. Frequentamos pessoas e lugares comuns. Sempre um cumprimento, um pequeno diálogo no meio de uma roda de conhecidos. Mas nunca esse frente a frente de dois, em uma mesa, sós, diante de queijo e cerveja.

Sei dele dos livros e dos textos primorosos que escreveu. Profundo conhecedor do mundo e de Minas, dos homens e suas memórias de meninos. O barulho da água da piscina, lá embaixo onde se nada, harmoniza o que o mineiro de Papagaio me fala. Também tenho raízes naquele oeste, filho que sou de mãe nascida em Pitangui, onde as férias na casa dos avós se assemelhavam com o território existencial dele.

Escritor e educador, que maravilha de casamento em uma só pessoa, capaz de criar livros e instruir crianças. Ele cultua muito do que admiro: a beleza que a arte nos entrega em forma de música, literatura, teatro, cinema e pintura; tudo o que os artistas criam para nosso encantamento e prazer.

Fala de decepções com governos, voz pausada e argumentos claros. E lembra o amigo José Maria Cançado, seu confidente e também originário da

Grande Pitangui, que conheci muito pouco e que já se foi. Existem diamantes humanos em nossa volta e nem sempre os percebemos a tempo, nem sempre temos tino para descobri-los. Revelamos o carinho mútuo por Wander Piroli, falamos de suas obras inéditas que estão sendo publicadas. E rendemos justas homenagens ao livro *Os rios morrem de sede*, pequena obra-prima definitiva. Um livro infantil para todos, que emociona, faz chorar até os insensíveis e termina em um palavrão que todos os leitores acatam e repetem. Ele me contou de um texto sobre a criação do mundo, um Gênesis anterior à Bíblia. Sorvi cada palavra de sua história, guardei-a. Tomo a liberdade de narrar o que ouvi.

Deus criou o mundo em três dias. No primeiro, criou o firmamento. No segundo, os mares. E no terceiro, a Terra. No quarto, observou o que criara e não ficou satisfeito. Então colocou estrelas e tudo o que existe hoje no céu. No quinto dia, povoou os mares com peixes, algas e tudo o que nele há. Na sexta jornada, encheu a Terra de árvores, rios, montanhas e animais. No sétimo dia, Deus criou o homem, pois não quis assistir sozinho àquele espetáculo. Aquela era uma beleza a ser compartilhada.

De maneira modesta e menor, artistas, como o Bartolomeu, são espelho da divindade, criadores que agulham nossa sensibilidade e repartem conosco a beleza que veem na vida. ●



Fernando Brant é compositor e escritor. É autor de inúmeras canções, como *Travessia*, *Canção da América*, *Maria Maria*, *Nos bailes da vida*, *San Vicente*, *Outubro* e *Bola de meia bola de gude*. Entre os livros de sua autoria estão *Clube dos Gambás* e *Casa Aberta*, e, entre as crônicas, *Mercado central* e *Chico, o caminhador*.

Foto: Myrian Vilas Boas.

Bartô, o mago da palavra

Frei Betto

O coração de Bartolomeu Campos de Queirós (1944-2012), pleno de amor e arte, parou na madrugada de 16 de janeiro. Meu querido amigo Bartô transvivenciou. Entrou em “encantamento”, diria Guimarães Rosa.

Bartô tinha 67 anos e mais de 70 livros publicados. A ele dediquei meu mais recente romance, *Minas do ouro*: “Para Bartolomeu Campos de Queirós, nascido, como eu, na mesma terra mineira, no mesmo ano, no mesmo mês, no mesmo dia, e condenado, como eu, à mesma sina: escrever.”

Em 2003, mereci dele a dedicatória do livro *Menino de Belém*. Bartô era um mago da palavra. Não fazia poesia, não escrevia prosa – criava *proesia*. Sua prosa é arrebatadoramente poética, como o comprova seu último romance *Vermelho amargo*, de forte conotação autobiográfica.

Sua mãe morreu aos 33 anos, de câncer, quando ele tinha 6. Lembrava-se que ela sofria dores atroz, a ponto de o bispo autorizar que se apressasse a morte dela com uma injeção. Às vezes a dor era tanta que ela se punha a entoar canto lírico. Bartô, por vezes, ligava para sua amiga Maria Lúcia Godoy, cantora lírica, para que ela cantasse para ele ao telefone.

Equivocam-se os que classificam sua obra de literatura infantil, embora tenha angariado os mais importantes prêmios nacionais e internacionais naquele gênero. Sua escrita é universal, encanta crianças

e adultos. Como artesão da palavra, trabalhava cuidadosamente cada vocábulo, cada frase, até extrair toda a polissemia possível, assim como a abelha suga o néctar de uma flor.

Bartô morava em Belo Horizonte, no apartamento que pertenceu à poeta Henriqueta Lisboa – cuja estátua se ergue à porta do prédio, na Savassi. Gostava da solidão. Precisava dela para escrever. Chegava a pedir à cozinheira que saísse mais cedo. E só admitia que o silêncio fosse quebrado pela música, que ele escutava deitado no chão.

Nos últimos anos, mais lia do que escrevia. E o fazia com um prazer quase luxurioso. Narrou-me como se deleitava em abrir um novo livro, reformular suas ideias e conceitos, adquirir novos conhecimentos...

Tornou-se escritor por acaso. Estudava comunicação e expressão em Paris, quando lhe pediram para enviar um texto a um concurso, que o premiou. Mas custou a se assumir como autor. Para ele, isso era secundário. A prioridade era o emprego no MEC, em um departamento de investigação de qualidade de ensino, que o obrigava a viajar Amazônia afora. Seu chefe, Abgar Renault, dava-lhe toda a liberdade.

Nos últimos anos, pouco saía de casa. Desde que se viu obrigado a fazer hemodiálise três vezes por semana, caminhava a passos miúdos, os ombros curvados e, no rosto, a perplexidade diante dos

mistérios da vida. A fala era contida, proverbial, mesmo quando fazia palestras. Seus silêncios ecoavam.

Fazia questão de não abandonar o cigarro e tomar um chope antes de submeter-se à hemodiálise. Dizia que, assim, o tratamento seria compensado...

Tinha, como ponto de encontro, a Livraria Quixote, na rua Fernandes Tourinho, na qual há um espaço em homenagem a ele. Lá revia amigos, lançava livros, tomava café da manhã. E foi onde nos vimos pela última vez, na véspera do Ano-Novo, quando me deu de presente o romance epistolar *A sociedade literária e a torta de casca de batata*, de Ann Shaffer e Annie Barrows.

Há três anos ele me propôs um projeto literário a quatro mãos: uma troca de correspondência sobre literatura, conjuntura política, vivências. Nunca o efetivamos. Em nosso encontro de fim de ano respondeu-me quando indaguei o que andava escrevendo: “Cartas para mim mesmo.”

Bartô contava que, quando criança, intrigava-se com o mistério de que maneira pouco mais de vinte

letras podiam registrar na escrita tudo o que a cabeça pensava... Orgulhoso, dizia que aprendera a escrever com o avô, marceneiro, que morava em Pitangui (MG). Tirara a sorte grande na loteria e, assim, trocou a madeira pela literatura. Ao se sentir inspirado, tomava em mãos o lápis próprio para marcar medidas na madeira e redigia suas histórias nas paredes da casa. Quando o avô morreu, tiraram da parede da sala o relógio em forma de oito. Era o único espaço vazio de textos...

Bartô era um artista profundamente espiritualizado. Desde que morou em Paris, tornou-se devoto de São Charbel (1828-1898), libanês, canonizado em 1997. Disse que o escolhera porque é um santo de poucos devotos e, portanto, mais disponível para atender às suas preces... E mostrou-me a estampa do monge de longas barbas brancas.

Meu único consolo é a certeza de que Bartolomeu Campos de Queirós vive, agora, imortalizado em suas obras literárias. Reproduzo aqui o que escrevi a ele, em maio de 1998, após ler *Escritura*: “Sua escrita é canto, luz, vereda e afago. Cada frase lindamente esculpida! Proíba-se de tudo o mais para só escrever, porque é a sua única e irrecorrível sentença de vida.” ●



Frei Betto é escritor e autor de *A arte de semear estrelas* (Rocco), entre outros livros.
[<http://www.freibetto.org/>]

Foto: arquivo pessoal.

Lu. Ca

LUISA GEISLER



vencedor do
Prêmio SESC de
Literatura 2011

ROMANCE



Quiçá

Luísa Geisler

Os protagonistas do romance são o jovem Arthur, parente do interior, anatematizado pela família, e Clarissa, a solitária prima de onze anos, boa estudante e boa filha. O primo apresenta-se, com o passar das semanas, como o único olhar a definir e entender Clarissa, ante a discreta desconfiança dos pais da menina, ausentes do seu dia a dia. As cenas fragmentárias do romance revelam vidas descoladas umas das outras: nas relações a dois, nas relações familiares e nas amizades, tudo soa precário. Até a ligação que une Arthur e Clarissa não se dá por inteiro, e alguns segredos desconfortáveis assomam como breves fantasmas ao longo do texto. Uma reunião de Natal, a que toda a família comparece sem vontade, apenas sublinha o esgarçamento do tecido que uma vez os uniu.

Quiçá mostra inequívocas qualidades literárias, e com seu tom impressionista, atento aos detalhes sutis do contato humano, consegue prender o interesse do leitor por meio de bom domínio técnico. O autor revela ter boa e compreensiva cultura literária,

raridade em nossos dias a ser ressaltada. O texto tem um ouvido especial para a linguagem coloquial contemporânea da nossa classe média urbana, reelaborando-a estilisticamente por recursos sintáticos (e às vezes gráficos), sem perder, entretanto, o eixo narrativo que lhe dá substância.

Do ponto de vista estrutural, *Quiçá* se realiza em três tempos, uma proeza para qualquer escritor: a) um ano letivo, no qual Arthur passa na casa dos tios, após ter sido internado por tentativa de suicídio; b) um dia, um almoço de Natal que reúne toda a família; c) uma vida, nas pequenas revelações diárias.

Neste conjunto cênico que se entrelaça, transparece uma descrença corrosiva, mas sem ênfase, que parece esvaziar a possibilidade de uma vida libertadora; o possível são apenas lampejos erráticos de pequenos roteiros sem transcendência.

Pelo bom equilíbrio entre forma e intenção, *Quiçá* é uma narrativa literária que envolve e faz pensar. ●

Cristovão Tezza nasceu em Lages, Santa Catarina, em 1952. Tem vários livros publicados e premiados, como *Breve espaço entre cor e sombra*, com o Prêmio Machado de Assis, e *O fotógrafo*, que recebeu o Prêmio da Academia Brasileira de Letras de melhor romance do ano, em 2005.



Foto: divulgação.



Luiz Antonio de Assis Brasil nasceu em Porto Alegre, em 1945. É romancista, ensaísta e cronista. Tem mais de quarenta antologias publicadas. Entre outras atividades, atua como professor de Letras e como secretário da Cultura do Rio Grande do Sul.

Foto: Douglas Machado.

Réveillon e outros dias

Rafael Gallo

O autor de *Réveillon e outros dias* não tem medo de temas difíceis. Este livro de contos – ao contrário do que é tão comum na literatura brasileira contemporânea – não se compraz no detalhe chocante, naquele tipo de gesto quase terrorista do narrador que, temendo a desatenção do leitor, mimetiza na própria escrita a violência que pretende criticar.

Aborto, incesto, estupro: até mesmo nessas palavras há uma conotação de brutalidade (e, no plano literário, de sensacionalismo) capaz de dar uma ideia equivocada sobre o tipo de tratamento, simultaneamente grave e íntimo, que *Réveillon e outros dias* confere a tais realidades.

Nem todos os contos resistem à tentação do choque e do bizarro, que parece ser uma das consequências, na literatura contemporânea, de certa crença na diminuição do próprio impacto real que a palavra escrita pode criar no público. É como se, imaginando não ser recebido com a atenção que merece, frente à concorrência do cinema e da televisão, para não citar o que se presencia de brutalidade no próprio noticiário, o novo escritor procurasse aumentar a estridência do tom, a sumariedade do trecho e o detalhe aberrante.

Réveillon e outros dias faz, na maioria das vezes, o caminho inverso. Relacionamentos doentios ou

exteriormente estranhos são abordados aos poucos, “de dentro para fora”, de modo que só nos momentos finais de cada conto seja possível perceber uma realidade que, nas mãos de outros escritores, seria agitada imediatamente aos olhos do leitor.

Tudo acontece como na situação belamente descrita no conto que dá título ao livro. Uma comunicação delicada entre pai e filho, baseada não em palavras pronunciadas em voz alta, mas no olhar e no tato, permite um intenso grau de franqueza e de verdade de sentimentos. Cada frase que os personagens trocam se imprime na pele e na carne, não como forma de agressão, mas de carinho.

Carinho que, entretanto, nada tem de piegas. Os melhores contos de *Réveillon e outros dias* mensuram a insuficiência dos sentimentos humanos e o limite do amor de cada um perante situações extremas.

As palavras não ditas, as possibilidades que nunca se realizam. As palavras que não podem ser pronunciadas, as possibilidades que nunca deveriam ter-se realizado. Temas como estes constituem o fugitivo fundamento dos contos; palavras e possibilidades não faltam, todavia, a seu autor, no caminho para construir uma obra literária de notável sensibilidade. ●

Marcelo Coelho nasceu em São Paulo, onde se formou em Ciências Sociais e fez mestrado em Sociologia pela FFLCH-USP. Colabora no caderno *Ilustrada* do jornal *Folha de São Paulo*. Como ficcionista, publicou *Noturno*, *Jantando com Melvin* e *Patópolis*, além de histórias infantis em *A professora de desenho* e *Minhas Férias*.

Foto: arquivo pessoal.



Vencedor do Prêmio SESC de Literatura 2011 CONTOS



RÉVEILLON

e outros

DIAS



Rafael Gallo



Um par de havaianas verdes no aeroporto schönefeld de berlim

Marília Garcia

deixei um par de havaianas
verdes com uma bandeirinha
do brasil presa na tira
no aeroporto schönefeld
de berlim.
minha mochila
estava abarrotada
de histórias dobradas
como neoprene tentando se armar
ocupando todo o seu espaço
que não podia mais comportar
um par de havaianas verdes.

fazia 1°C em berlim
e nem pude usar as
havaianas verdes
que deixei no chão
ao lado do banco frio de metal
no aeroporto schönefeld
de berlim.

como quem acende
uma fogueira de fotografias
e cartas antigas
podia ter deixado também
junto com as havaianas verdes
que deixei no chão
uma parte da memória.
só que na hora do embarque
no aeroporto schönefeld
de berlim
não tive a ideia da fogueira
porque estava atenta demais
às perguntas que me faziam

- *do you have liquids in there?*
- *in a plastic bag*
- *would you take them out?*

passando pela esteira
e olhando a sólida arquitetura
as formas espalhadas
em espaços abertos e geométricos
entendo que eles não querem controlar
só as coisas *líquidas*.
é preciso montar a tipografia
em outra língua
e repetir as palavras
quando você está
no aeroporto schönefeld
de berlim.

eles não querem só
as coisas *líquidas*, você repete.

- *would you open it, please?*
- *is that a keyboard?*

percebo que eles querem
também as histórias
todas as histórias surgindo do teclado
e logo que abro a mochila
a cena em holograma
se arma: eles querem ouvir
como se fala uma língua de vogais.

logo que abro a mochila
as histórias se organizam
como um livro que se chamasse
4 dias em berlim:

- 1 sopa de cenoura
cor de abóbora
em *rosenthaler strasse*;
- 1 dicionário de palavras mexicanas
para não se perder;
- a parede de pelúcia cor
de rosa em *kottbusser
tor*;
- 1 garoto neozelandês
explicando em francês o que significa
ponto de vista

4 dias em Berlim
poderia ser o livro
amarrotado na mochila
mas tudo se resume
a uma noite gelada
falando só da solidão
falando dos que não
falam
falando em silêncio
dentro de um
memorial.

na manhã seguinte olha para
as estantes vazias:
virtualmente estantes
mas são
quadrados brancos
iluminados
quadrados brancos erguidos
no espaço do
chão, quase um abismo
do cosmo ao subsolo,
ela diz, contando
a história da mulher
no banco de trás do carro
com os cabelos
vermelhos esvoaçantes
e com olhos visionários
fugindo da neve
para sempre.
no meio da fuga
esta mulher
olha pelo vidro de trás
e diz alguma coisa.
então, você entra em cena
e pergunta:

– *com quem você
está falando?*

e ela responde,
– *com a plateia.*

quando chego em casa
e abro a mochila
lembro que não trago mais
as havaianas verdes
que não usei em berlim.
agora trago apenas
a memória do que já existia
antes da viagem: uma réstia
inoportuna o gosto do
risco e o fim.

deixei um par de havaianas
verdes no aeroporto
schönefeld de
berlim mas deveria
ter vindo para casa de costas
e deixado parte da memória
encostada no banco frio de metal
no aeroporto schönefeld de
berlim.
é o que percebo
depois de decifrar
a previsão
para a chegada:
arrepio
e de entender o que
significa cheiro da neve.

Uma canção lituana

Marília Garcia

o piano preto enorme
ocupa toda a sala e ela com os cachos
vermelhos num *ir-e-vir* de molas
seguindo o movimento da canção.
os sons na frequência daquela
língua entrecortados apenas pela
tremedeira da mão.

enquanto isso, ergue o
mapa e escolhe ao acaso
um ponto para onde ir.

o terremoto de 1755
aconteceu no dia 1^a de novembro
mas estou falando de coisas possíveis,
dizia enquanto guardava o resto na caixa
azul turquesa e desaparecia no plano
inclinado.

eu sou contra, pensava,
olhando tudo devastado, sem saber o que
fazer com tantas tsunamis, réplicas
e comportamentos estranhos.
será este um modo de amar?
estou falando de coisas possíveis, ele repete
tentando entender o sentido de
saltar no vazio.

o terremoto de 2011
aconteceu no dia 1^a de novembro
mas estou falando de algo
chamado inadequação, foi o que
disse dessa vez. o amor
acontece quando você esquece.
o amor acontece quando o telefone
para de piscar no escuro. quando ele
quer mas não quando diz que quer. o amor
não acontece e isso também é
uma opção.

o problema do terremoto não é
cair. (o problema do silêncio
pode ser que aconteça
dela entender.)

Quase

Marília Garcia

parece um cage enamorado. parece um cardume
de orcas fluorescentes piscando
quando entra no recorte
da porta-giratória.

*será que ele reparou,
pensa,
que agora de novo
temos isso
entre
nós*

é o que quer dizer
mas ergue os olhos para o contorno
vermelho da barraca
contra o sol: uma névoa no
olho se dissipando
ou como passar do
vermelho embaçado
para o tremeluzir
avermelhado.

*passei a primeira volta toda brigando com as
algas, diz mas deve ser mais preciso:
a transparência dos seres marinhos
se deslocando na água.
depois, olha fixo para
as palavras dela,*

*você que nada quer
dizer
você que fala
dela
você que tudo
diz*

parece aquele dia no meio da
muralha com a água até o
peito. aquele dia no canal sentada
ao sol depois de nadar virada
para cima. a travessia se chama
*o mais difícil continua
a ganhar.*
depois ele apaga
e entende que dez nunca é
um sinal. e por último
diz: *até onde o quase
é extensivo?*



Marília Garcia nasceu no Rio de Janeiro, em 1979. Publicou *20 poemas para o seu walkman* (Cosac Naify, 2007) e *Engano geográfico* (7Letras, 2012). Atualmente, coedita a revista *Modo de usar & co* (revistamododeusar.blogspot.com) e leciona na Faculdade de Letras da Uni-Rio.

Foto: arquivo pessoal.

Café da manhã em 1902

Flávia Iriarte

Meu bisavô andava pra lá e pra cá dentro de casa, roendo as unhas. Era um andar pesado. De quem sente uma dor que não compreende. E, quando se sente uma dor assim, é como se nada coubesse em si. De forma que, embora andasse pra lá e pra cá, meu bisavô não se achava fazendo isso. Era mais como se sentisse que seus passos fossem a causa ou a consequência de algo maior do que ele mesmo.

Enquanto isso, minha bisavó, sua mulher, fritava ovos e esquentava o leite na chaleira. Era um fritar ovos de quem apenas frita ovos. E um esquentar leite de quem apenas esquentava leite.

Meu bisavô, enquanto andava como quem não anda e olhava para minha bisavó fritando ovos como quem frita ovos, pensava que talvez não amasse minha bisavó. Dentre outras coisas sobre as quais pensava. E minha bisavó, embora não amasse meu bisavô, não pensava em nada, apenas fritava ovos.

Além de pensar na minha bisavó, no amor (e na falta dele) e de andar pra lá e pra cá como quem não faz isso, meu bisavô também pensava no meu avô, seu filho, que o preocupava; um filho complicado, epilético.

Meu avô epilético, também um futuro comunista, acordava faminto e descia para comer o ovo frito que a minha bisavó fazia, na companhia do meu bisavô, infeliz e preocupado, que andava pra lá e pra cá, pensando em amor (e na falta dele), no meu avô/seu filho epilético, dentre outras coisas.

Meu avô, faminto, futuro comunista, filho de mãe que não amava pai e fritava ovos, dentre outras

coisas, sentou-se à mesa. E meu bisavô, vendo meu avô sentado, sentou-se ao seu lado (um sentar pesado, de quem sente que o seu sentar é a causa ou a consequência de algo bem maior).

Vendo meu bisavô sentado como quem não parece sentado, pensando em amor (e na falta dele), mais preocupado com a epilepsia do filho do que com a própria fome, meu avô sentiu um misto de amor e pena e, por um instante, esqueceu sua fome também.

Nesse momento, minha bisavó chegou à mesa, segurando com uma mão a frigideira e, com a outra, a leiteira. Ela olhou para o meu avô/seu filho e notou nos seus olhos a sua momentânea falta de fome, o que a deixou com uma dor que compreendeu. (A falta de fome momentânea do filho epilético, sempre faminto pela manhã, era triste.)

E então minha bisavó, que fritava ovos como quem fritava ovos, passou a segurar a leiteira como quem sente que o que faz é a causa ou a consequência de algo bem maior. E seu pulso (esse que segurava a leiteira) fraquejou, fazendo com que parte do leite quente vertesse sobre a região da mesa onde meu bisavô repousava seu braço esquerdo.

O leite quente, no contato com a pele fina do meu bisavô, queimou-o, provocando nele uma dor exata (uma dor de quem tem o braço queimado por um líquido muito quente).

E nenhum dos três jamais esqueceu aquela manhã. ●

Flávia Iriarte é carioca, tem 26 anos e formou-se em Cinema pela UFF. É mestranda em “Literatura, cultura e contemporaneidade” na PUC-Rio. Em 2010, fundou a Oito e meio, editora voltada para a publicação de obras literárias de novos autores. Já publicou em jornais e sites literários como jornal *Plástico Bolha*, *Cronópios* e outros.

Foto: arquivo pessoal.





Três coisas de que gosto

Tony Monti

As três coisas de que eu mais gosto no mundo são *cheese* salada, história e abraço. Mas não nessa ordem. Não tem ordem.

Se um dia você estiver com fome e me encontrar com um *cheese* salada nas mãos, é possível que eu te dê uma metade e fique com a outra metade. Um *cheese* salada nunca é um abraço e um *cheese* salada nunca é uma história. Só às vezes. Um *cheese* salada às vezes é outra coisa.

Pode acontecer de um dia nos encontrarmos e eu te contar uma história e você me contar uma história. História, a gente não precisa dividir como *cheese* salada. É como se eu tivesse um *cheese* salada,

você chegasse com fome e os dois comessem, cada um um *cheese* salada. Contar história é a multiplicação dos pães. É verdade que história quase nunca é um *cheese* salada e só às vezes é um abraço. Mas uma história é sempre várias histórias e várias coisas. Pode acontecer de eu contar uma história e, além da história, você escutar um abraço.

Abraço é igual a história porque quem dá abraço não perde meio *cheese* salada. Quase sempre quem abraça tem que ser abraçado. A gente não abraça sozinho. Um abraço às vezes é um *cheese* salada. Um abraço é sempre uma história.

Às vezes um abraço é o mundo. ●



Tony Monti é autor de *eXato acidente* (contos, 2008) e o *menino da rosa* (contos, 2007). Em 2011 participou da coletânea *Geração zero zero: fricções em rede*. É também doutor em Literatura Brasileira. Escreve regularmente em seu blog www.tonymonti.wordpress.com.

Foto: arquivo pessoal.

Como ganhar um Jabuti

Andrea Del Fuego

Tenho um Jabuti na estante, e você?

Sou lidíssima, só de passar o olho na primeira frase sei que o leitor me reconhece, prazer, Úrsula Pontes. Autora de *Quem chegar, chegou*, entre outros. Não faço autoajuda nem literatura, faço autoliteratura ou alta-ajuda. O que confunde no começo, enche meu bolso depois.

O que digo aqui não serve só para iniciantes, engano seu. Aqueles que já têm Jabuti, prestem atenção, a batalha nunca está ganha.

Para começar, saiba que o círculo literário é um maço de cigarro, cabe na bolsa.

Em festas literárias ou simples cerveja com autores, sorria sempre e muito. Está desgastada a imagem do escritor introspectivo. Deixe a boca aberta e vire a cabeça de um lado para o outro aumentando o raio de alcance. Indica segurança em todas as instâncias: seguro se a crítica tirou sua pele, seguro se não vendeu livro algum, seguro se nem livro publicou ainda. Refiro-me aos inéditos porque são o que mais querem um prêmio literário, os veteranos fingem que não.

Importante: boca aberta só para sorrir, cuidado com o que fala.

Quando estiver em uma roda de escritores amigos, fale apenas o necessário, não vá discordando. Eles bebem juntos para brindar, não atrapalhe. Não cante escritoras casadas nem escritores enrolados, eles são confusos e vão evitá-lo depois.

É bem-visto não ir a todos os eventos, por isso, de vez em quando, não vá.

Não tem putaria na literatura, é um mito, o troço é parado. No máximo um ou outro atende por fora, um ou outro (com Jabuti) lancha uma atriz, um ou outro editor come uma poeta, uma ou outra tradutora dá para o Jabuti categoria capa. Nada mais besta que a vida sexual dos escritores. Para uma vida sexual movimentada, procure os dentistas.

Em pouco tempo perguntarão sobre sua vida, não minta, omita. Imagine braços amputados quando perguntarem sobre a fase de criação, nesse momento é preciso densidade, uma tristeza.

Não passe dos oitenta quilos, não deixem pensar que é ansioso. Se for mulher, use meias Kendall. Enquanto a presença do livro não é maciça, ao menos faça agradável sua presença física.

Não seja *fashionable*, indica temporalidade – ou, então, faça crônicas.

Ah, sim, ia me esquecendo dos sites. Os sites literários de nada adiantam se você não se envolve com os participantes. Você precisa cavar cumplicidade no meio. Não se envolva em fofocas. Elas favorecem a pulverização dos nomes, mas podem prejudicá-lo. Ninguém quer ser seu amigo, as pessoas querem é mais um elo na corrente literária. Finja-se de elo e não passe adiante que fulano magoou sicrano, atrás da tenda dos livros na quermesse literária. Caso presencie beltrano perdendo a dignidade, esqueça o que viu.

Importante: livre-se dos poetas, mesmo que você seja um. Em um lançamento – perceba a importância dos lançamentos –, não dê corda para poetas. Eles falam o que deixam de escrever, são prosadores falantes ao vivo, dizem frases soltas e não o largarão. Tente não olhar nos olhos deles, não crie laço. Com um poeta ao lado, você corre o risco de não conhecer mais ninguém.

Quem são as pessoas interessantes em um lançamento? Na chegada, todos. Cumprimente-os com a técnica do sorriso e não beba vinho branco. Com o tempo você pode tomar vinho branco, mas é preciso já ter livro publicado. Com dois livros você pode tomar dois copos. Com três, três. Com quatro, você não precisa mais ir aos lançamentos. Repare quantos autores consagrados frequentam lançamentos. Nem vão aos deles.

Lobby é cafona, mas funciona. Os caras já esperam o assédio, o bilu bilu teteia. Seja fino, *lobby* tem efeito quando não se pode percebê-lo. Nada de convidar um editor para uma leitura com violão em seu prédio. Editores detestam, e vão marcar sua cara. Não dê originais em bares, eles esquecem lá.

Quando algum autor se dispuser a ler seu original, não acredite. Ele está apenas sendo agradável; todo

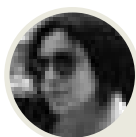
escritor acredita que é importante, e é simpático por vaidade. Lerá e fugirá de você nos próximos lançamentos, isso se o texto for ruim; se for bom, não vai desejar-lhe um Jabuti.

Para autores inéditos, sugiro lançamentos toda semana. Para os com até três livros publicados, indico saraus em casa de escritor. Para quem passou dos seis livros, fique em casa para valorizar a presença.

Sim, não falamos dos livros, mas isso é com você.

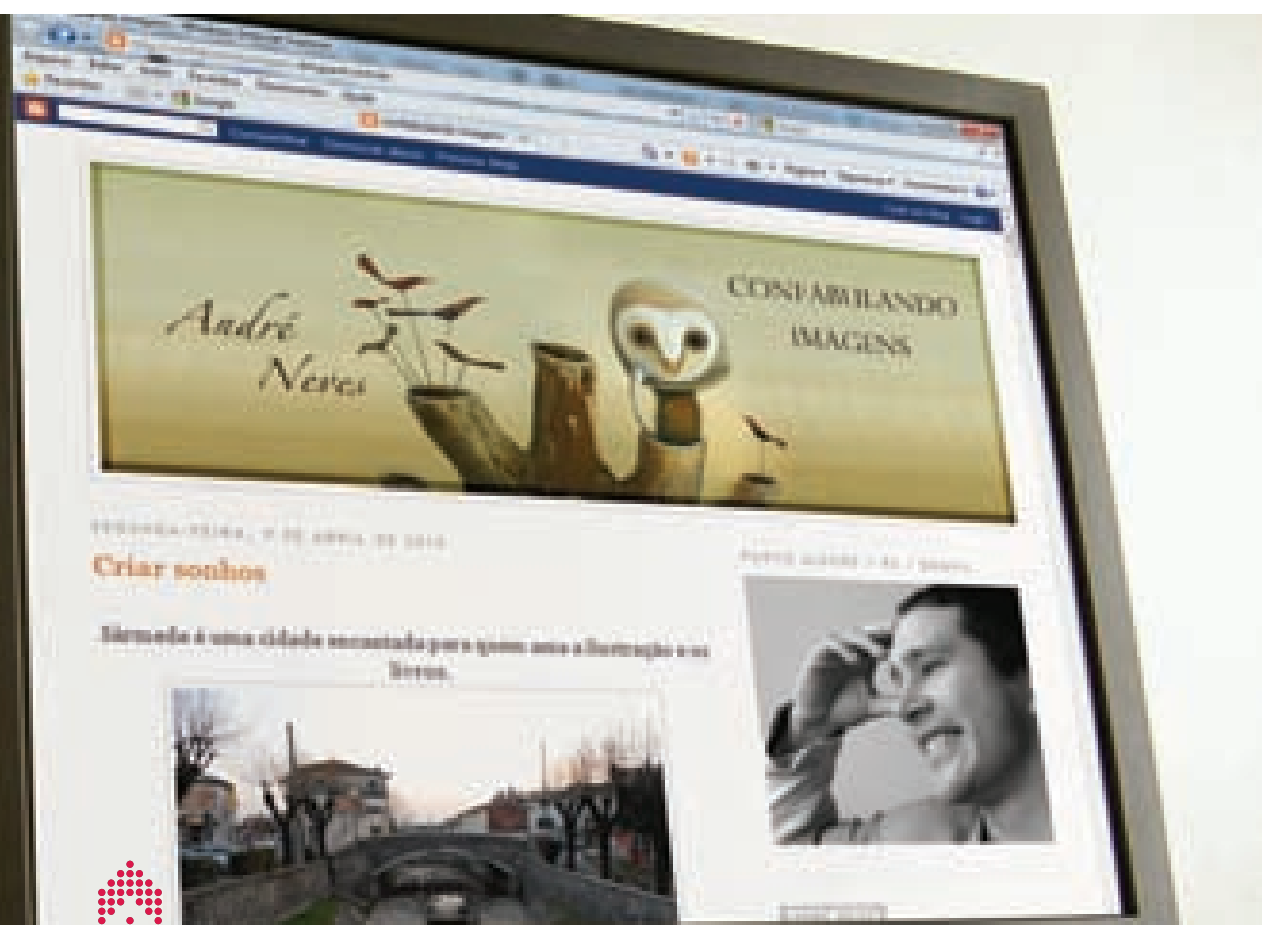
Para mais, leia minha obra, me glorifique e não se arrepende. Conheço um cara que pode ajudá-lo. ●

Como ganhar um jabuti *foi escrito especialmente para a antologia 35 segredos para chegar a lugar nenhum organizada pela escritora Ivana Arruda Leite para a editora Bertrand. Foi uma proposta divertida para que escritores escrevessem autoajuda.*



Andréa Del Fuego é estudante de Filosofia na USP e autora de *Os Malaquias* (vencedor do Prêmio José Saramago 2011). Ganhou o prêmio Literatura Para Todos do Ministério da Educação com a novela *Sofia, o cobrador e o motorista*.

Foto:arquivo pessoal.



ANDRÉ NEVES

formou-se em Comunicação Social, mas logo interessou-se pelas artes plásticas e pela literatura, e passou a dedicar-se exclusivamente ao universo das imagens para o público infantil. No Brasil, ganhou prêmios importantes, como o Prêmio Luís Jadim, em 2003, na categoria melhor livro de imagem; o Prêmio Jabuti, em 2004 e 2010, e o Prêmio Açorianos de literatura 2005, 2006 e 2008.

Participou de mostras e exposições de ilustração no Brasil e no exterior como: XX Mostra Internazionale d'illustrazione per l'infanzia – Sármede 2002 e 2008; Bienal Ilustração Bratislava 2005 e 2007, e Eine Imaginare Bibliothek Internationalen Jugendbibliothek, Munique, em 2007, ano em que também foi premiado no concurso Lucca Comics e Games, na cidade de Lucca, Itália.

Nascido em Recife, atualmente mora em Porto Alegre, e mantém o blog Confabulando Imagens:

confabulandoimagens.blogspot.com

22ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo

Pavilhão de Exposições do Anhembi – São Paulo/SP
De 9 a 19 de agosto de 2012.
www.bienaldolivros.com.br/A-Bienal/Apresentacao/

Prêmio Professor Mário Clímaco - ALEPON

Categorias: Crônicas e Poesias
Inscrições até 10 de agosto de 2012.
http://bit.ly/regulamento_alepon

7ª Bienal do Livro de Campos dos Goytacazes

Praça São Salvador – Campos dos Goytacazes/RJ
De 31 de agosto a 9 de setembro de 2012.
<http://bit.ly/7bienalcampos>

7ª Feira do Livro de Lajeado

Parque do Imigrante – Lajeado/RS
De 11 a 16 de setembro de 2012.
<http://bit.ly/7feiradolivrodelaajeado>

XVI Feira do Livro Pan-Amazônica

Hangar – Centro de Convenções e Feiras da Amazônia – Belém/PA
De 21 a 30 de setembro de 2012.
www.feiradolivro.pa.gov.br

XI Prêmio Literário Livraria Asabeça 2012

Categorias: Poesias e Contos
Inscrições até 30 de setembro de 2012
<http://www.concursosliterarios.com.br/home.php>

Concurso Vozes da Diversidade

Categorias: Contos e Crônicas
Inscrições até 30 de setembro de 2012.
<http://www.gada.org.br/site-novo/index.php/vozes-da-diversidade-regulamento-2/>

3º Salão do Livro de Presidente Prudente

Centro de Eventos IBC – Presidente Prudente/SP
De 18 a 28 de outubro de 2012.
<http://salaodolivropp.com.br/>

58ª Feira do Livro de Porto Alegre

Praça da Alfândega e Arredores
De 26 de outubro a 11 de novembro de 2012.
<http://www.feiradolivro-poa.com.br>

IV Concurso Internacional de Monografias - Itamaraty

Tema: A obra de Lygia Fagundes Telles
Inscrições até 31 de outubro de 2012.
http://bit.ly/concurso_lygiafagundes

10ª Bienal Internacional do Livro do Ceará

Novo Centro de Convenções do Ceará – Fortaleza/CE
De 2 a 11 de novembro de 2012.
<http://www.bienaldolivro.ce.gov.br/>

8ª Festa Literária Internacional de Pernambuco (Fliporto)

Tema: A vida é um espetáculo
 Pátio do Carmo – Olinda/PE
De 15 a 18 de novembro de 2012.
<http://www.fliporto.net/2012/>



Composições raras, obras de relevância histórico-patrimonial, músicas contemporâneas de destaque no cenário nacional.

Tudo isso reunido em uma única biblioteca virtual.



SESC

Partituras

O portal possui um sistema de busca simples e eficiente que facilita a pesquisa, e todas as obras estão disponíveis na íntegra para impressão.

Acesse e conheça a riqueza da música brasileira.

www.sesc.com.br/sescpartituras



Conheça também a programação da 15ª edição do projeto **Sonora Brasil**, que circula pelo país este ano com os temas **Sotaques do Fole** e **Sagrados Mistérios: vozes do Brasil** – www.sesc.com.br/sonorabrasil.

SESC